

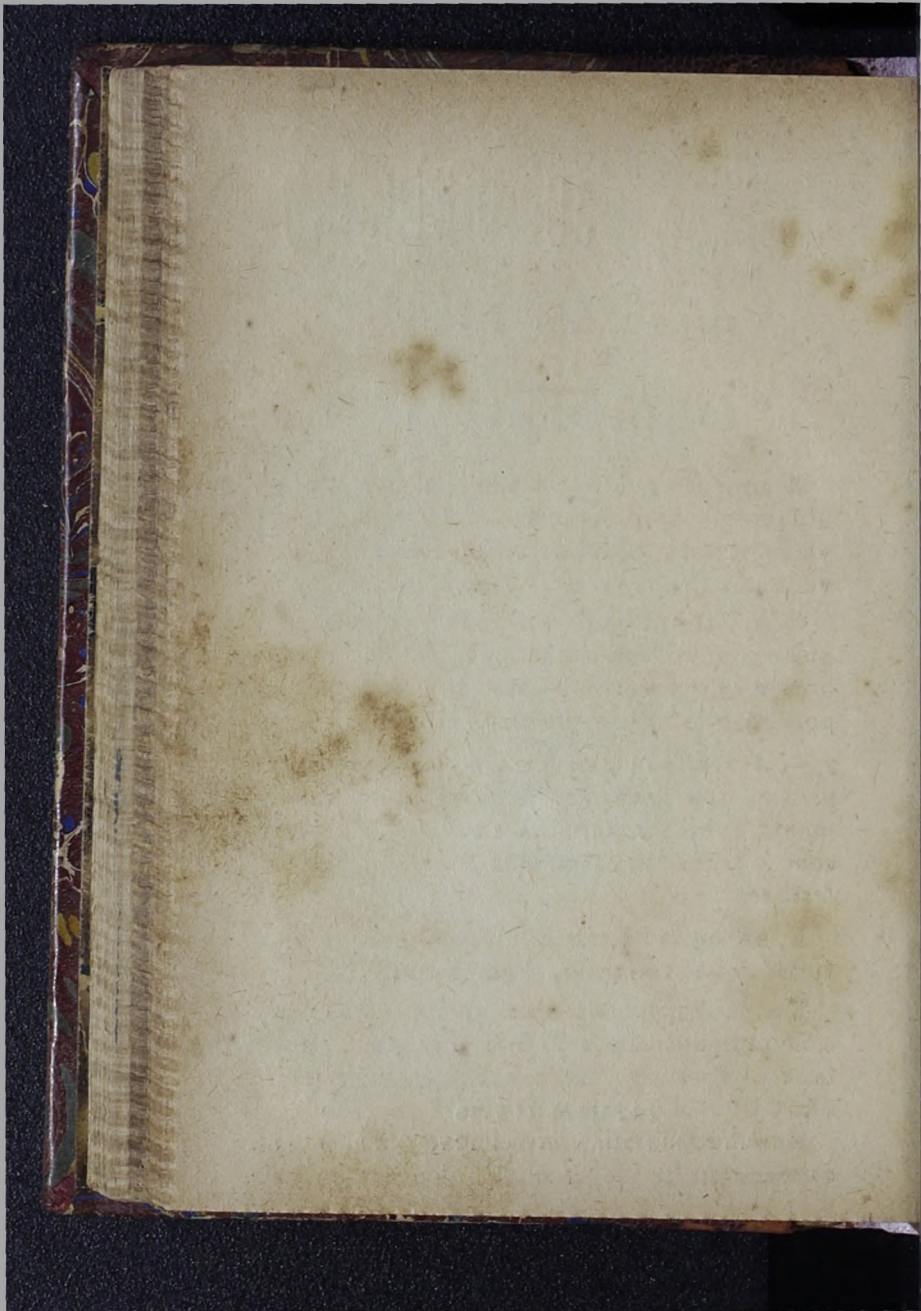
# CARTAS A JULIO RIBEIRO

POR

## DEMOCRITO



**S. PAULO**  
TYPOGRAPHIA DA «PROVINCIA»  
—1885—



## DUAS PALAVRAS

---

A presente publicação não tem por fim a diffamação do character de um homem : ella visa antes de tudo o restabelecimento da verdade.

O Sr. Julio Ribeiro, nos bons tempos em que o conheci, era um homem trabalhador e honesto ; parecia-me até desprezencioso ; pois chegou a dizer-me uma vez o seguinte :

— *Acredite-me, eu não sou um talento superior, sou uma intelligencia muito commun ; apenas sou muito estudioso e supro com o trabalho as minhas fraquezas intellectuaes.*

E, na verdade, era estudioso e, além de tudo, muito religioso. Era casado.

Tempos depois encontrei-me de novo com o Sr. Julio Ribeiro. Estava viuvo, e já bastante differente. Ouvi-o, então, gabar-se por vezes do seu talento e da sua illustração.

Mais tarde ainda, entrou francamente na *commandita do elogio mutuo*, e desde então

começou a correr pelo ar, com grande barulho, a fama de seus talentos litterarios. Chegaram mesmo a qualificar-o de philologo.

Tornou-se insupportavel. Quiz ser admirado de todos e respeitado de todos, pelo seu saber e pelo seu talento. Imaginou que ninguem mais havia que o podesse igualar, julgou-se sem competidor e desde essa epocha abriu guerra com seus proprios co-religionarios, por motivos puramente pessoaes.

O pedantismo foi por elle elevado á altura de um principio. Todos eram ignorantes, e sabio só era Julio Ribeiro.

Foi muito bom republicano, quando precisou dos membros d'esse partido para vender a *sua* grammatica e collocar-se no Collegio Culto á Sciencia, como professor, com um ordenado de quatro contos annuaes. Depois que, pelo seu proceder, alienou de si a confiança dos seus antigos amigos e que ficou sem *receita*, começou a maquinar a desmoralisação do novo partido, atacando covardemente os seus chefes.

Esta publicação tem por fim mostrar em que consiste a sciencia e o criterio do Sr. Julio Ribeiro, e bem assim a sua prohibidade como homem de letras. É preciso que o Sr. Julio Ribeiro volte a fazer de si o mesmo juizo que fazia antes.

DEMOCRITO.



*Illustrado Mestre.*

**P**ERMITTA-ME que tambem, para minha alta recreação e para satisfazer minha actividade propria, eu lhe dirija algumas cartas, em resposta a alguns topicos da que publicou V. S. no *Diario Mercantil* de 6 do corrente ; são observações despretenciosas que pretendo fazer e que tomo debaixo de minha unica responsabilidade.

Bem sei que é uma temeridade da minha parte constituir-me uma nota dissonante, em meio d'esta grande orchestra do elogio mutuo, que infelizmente já se acha perfeitamente organisada entre nós, e que faz de V. S. uma especie de dictador scientifico, que impõe a lei aos profanos em questões de arte, de litteratura, de sciencia, de politica e de philosophia ; mas que fazer ? É a minha alta recreação que a tanto me obriga.

Diz, por exemplo, V. S., apreciando os meritos pessoaes dos dous deputados repu-

blicanos, que elles não são homens scientificamente preparados, porque não sabem, nem ao menos, resolver uma equação do segundo gráo, quando é certo, entretanto, « *que o primeiro requisito da educação moderna, como base da reorganização social, é a universalidade dos conhecimentos.* »

Não sei realmente como interpretar o seu pensamento. A nomenclatura que logo em seguida faz V. S. dos conhecimentos que deve ter o homem scientificamente preparado, segundo a sua opinião individual, visto como V. S. só escreve para satisfazer a extraordinaria pujança do seu talento, a sua actividade propria, embaraça-me ainda mais na justa interpretação d'aquelle grande aphorismo. Parece-me mesmo que houve de sua parte, ao escrevel-o, uma grande contradicção. Creio, entretanto, que o seu pensamento ficou mais explicito, quando V. S. desceu d'aquella formula abstrata para o terreno concreto dos detalhes.

Para V. S. a universalidade de conhecimentos consiste em ter *boas noções* de arithmetica, de algebra, de geometria, de mechanica, de cosmographia, de astronomia sideral e planetaria, de geodesia, de mineralogia, de paleontologia, de botanica, de zoologia, de anatomia, de histologia, de pathologia, de psychologia, de moral, de an-

thropologia, de ethnologia, de linguistica, de historia e geographia historica, de industria, de arte, de litteratura, de sociologia, de legislação, de politica. É n'isso que consiste tambem para V.S. a *educação moderna*, capaz de servir de base á reorganisação social.

Foi por esta nomenclatura que vi que V.S. tinha cahido em contradicção comsigo mesmo; e mais certo fiquei de semelhante contradicção, quando me lembrei que aquelle aphorismo, apezar de vir desacompanhado de aspas e sem a minima referencia, pertence inteiro a um dos maiores vultos do nosso seculo, a quem V. S. evidentemente pediu emprestado, mas cujo nome não quiz confessar ao publico, visto como V. S., sómente escreve para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria.

Todo aquelle, porém, que conhecer um pouco o famoso curso de philosophia de Augusto Comte ha de naturalmente se recordar de lá ter encontrado, na licção quinquagesima setima, este mesmo aphorismo enunciado exactamente nos mesmos termos, como o encontrou sem duvida V. S. n'estas proprias palavras:— «*o primeiro requisito da educação positiva (moderna), considerada como base de uma nova ordem social, deve consistir em sua universalidade.*» V. S.,

porém, não se julgou obrigado a declinar o nome do eminente philosopho, naturalmente porque *escreve por civismo, e na campanha que emprehende serve-lhe uma arma terrivel, brutal como o aço, mas forte como elle— a sinceridade.*

De parte, comtudo, este pequeno incidente, que não passa de uma insignificante rectificação em defesa mesmo da indubitavel *sinceridade* côm que V. S. sabe sempre se haver, quer em relação aos homens, quer em relação ás cousas d'este mundo, o que mais concorreu para augmentar o meu pasmo e me convencer da grande contradicção em que V. S. se tinha deixado desastradamente cahir, foi o confronto que commigo mesmo comecei a fazer do aphorismo de Augusto Comte ( desculpe a rudeza da minha imparcialidade ) com aquella sua nomenclatura.

O eminente reformador, quando exigiu para baze da reorganisação social a universalidade dos conhecimentos, quiz antes de tudo fazer prevalecer, na distribuição do saber humano positivo, o ponto de vista de conjuncto, como elle mesmo fez sentir quando disse que *«a educação exige um espirito de conjuncto, que é indispensavel mesmo sob os mais simples aspectos.»* Para Augusto Comte, que escreveu, não para sua alta recreação, mas com um fim de utilidade social,

o pensamento tem uma disciplina inevitavel e salutar, que consiste na *generalisação*. É, pois, o espirito de *systema* que domina a universalidade da educação.

Depois que desapareceu inteiramente o regimen catholico feudal, a anarchia intellectual e moral não teve mais limites. A metaphysica revclucionaria, em sua obra puramente negativa, de demolição, provocou de tal modo a dispersão das idéas e dos sentimentos, e abalou por tal fórma as sociedades, tanto em suas bazes temporaes, como em suas bazes espirituaes, que a unidade na vida social desapareceu, para dar lugar á mais tremenda anarchia que se tem conhecido. Começou a epocha da especialisação em todas as espheras da actividade humana, desde que o catholicismo abdicou de sua funcção espiritual.

Para pôr um paradeiro a essa terrivel anarchia moral e intellectual, cujos effeitos até hoje ainda se fazem sentir de uma maneira extremamente pernicioso, foi que Augusto Comte concebeu a reorganisação do poder espiritual, entregando-lhe a importante funcção da educação, que deverá, por isso mesmo, se caracterisar pela sua universalidade. Só assim será possível combater a indisciplina mental, pôr um termo á epocha da especialisação e conseguir fazer prevale-

cer o ponto de vista de conjuncto nos domínios do pensamento.

A universalidade da educação, portanto, para aquelle eminente pensador, como base da reorganisação social, consiste na *distribuição systematica e methodica do ensino*, de accordo com a propria lei da organisação do saber humano positivo, segundo a ordem da generalidade decrescente e da complexidade crescente dos phenomenos ; isto é, segundo a sua celebre e inabalavel gerarchia scientifica, que, começando pela mathematica, termina na sociologia.

A organisação da educação positiva, consequentemente, ou da educação moderna, como a chama V. S. ( talvez para uzar ao menos de um vocabulo differente do que foi empregado pelo grande philosopho ) envolve antes de tudo uma questão de methodo, uma questão de systema. Não é com o ensino de *todos os ramós dos conhecimentos humanos indistinctamente* que se obtem uma educação universal, de harmonia com a generalisação do pensamento e caracterisada pelo seu ponto de vista de conjuncto. O proprio Augusto Comte evitou esse lamentavel equivoco, em que V. S. desgraçadamente cahiu, quando fez a distincção entre a theoria e a practica, entre os conhecimentos abstractos e os conhecimentos concretos. Ha muita

cousa que não se precisa saber nem estudar para se ter, entretanto, conforme a opinião do eminente reformador, uma educação universal ; e foi isto o que V. S. não quiz entender, apesar de apresentar como seu o grande aphorismo de Augusto Comte.

O proprio Herbert Spencer, o maior gigante talvez do pensamento moderno, apesar de ser algum tanto rebelde ao systema philosophico de Augusto Comte, n'este ponto confirma plenamente a opinião d'aquelle illustre philosopho. « Sciencia e erudição, diz Spencer, não variam na mesma proporção. Ainda que sem dados não seja possível a generalisação, comtudo muitos dados accumulados em excessso e indistinctamente são um obstaculo á generalisação. Quando os conhecimentos de um homem não estão em ordem, quanto maior fôr a sua erudição tanto maior será a confusão de seu pensamento. Um individuo pôde tornar-se um verdadeiro Daniel Lambert de erudição, e entretanto conservar-se inteiramente impréstavel, tanto para si mesmo, como para os outros. »

Eis ahi a grande contradicção em que V.S. cabiu involuntariamente e talvez com grande pasmo de muita gente, que estava acostumada a considerar os seus talentos e o seu criterio scientifico. V. S. confundiu

lamentavelmente *erudição* com *sciencia* e por isso, apesar de copiar o aphorismo de Augusto Comte, desde que tentou concretisar o que aquelle philosopho chamou de *educação universal*, falseou inteiramente o seu pensamento e fez consistir a funcção da moderna educaçãc, não no preparo de homens de sciencia, mas no preparo de simples *eruditos* ! Foi uma confusão, não ha duvida, mas que de certo V. S. commetteu propositalmente, para sua alta recreação.

Queira, pois, desculpar-me se tambem, para minha alta recreação, lhe opponho esta pequena rectificação.



*Illustrado Mestre.*

Até aqui estava eu acostumado a considerá-lo como uma das primeiras illustrações brasileiras, tanto pelo vigor de seu talento, como pela variedade e profundeza de seus conhecimentos. O seu cerebro era para mim, não sómente um admiravel receptaculo de idéas, como tambem um poderoso orgam de generalisação. Nunca imaginei que em V. S. pudessé encontrar uma verificação tão completa da hypothese de Daniel Lambert, figurada por Spencer na passagem que deixei transcripta em minha primeira carta! V. S., porém, com uma crueldade verdadeiramente inaudita, apesar de escrever unicamente para sua alta recreação, veio tirar-me inesperadamente d'aquella doce illusão.

Em minha primeira carta disse eu que não é com o ensino de noções de *todos os ramos dos conhecimentos humanos indistinctamente* que se obtem uma educação univer-

sal, de harmonia com a generalisação do pensamento e caracterizada pelo seu ponto de vista de conjuncto ; ha muita cousa que não se precisa saber, nem estudar. para se ter, entretanto, conforme a opinião de Augusto Comte, uma educação universal. É exactamente o que vou hoje demonstrar, na medida de minhas forças e de meus apoucados conhecimentos.

A universalidade da educação, como baze de uma nova ordem social, só póde ser requerida, como V. S. ha de inevitavelmente confessar, para o fim de fazer prevalecer em toda a parte, entre os povos continuadores da civilisação occidental, um systema common de idéas e de opiniões, capaz de estabelecer a ordem e a harmonia no desenvolvimento de todas as espheras da actividade humana. Sem esse accordo prévio das intelligencias, por uma generalisação systematica e disciplinar do pensamento, não ha tentativa alguma de reorganisação social que offereça sérias garantias de estabilidade e permanencia.

Como, porém, obter-se essa unidade, essa convergencia admiravel e espontanea das consciencias, para um systema common de idéas e de opiniões ? Será, porventura, organisando-se uma educação, que, na distribuição do ensino, procure divulgar *indistinc-*

tamente noções de todos os ramos dos conhecimentos humanos? Certamente que não. Esse accordo só poderá ser conseguido pela divulgação methodica do conhecimento das leis que regem as diferentes cathogorias de phenomenos, desde a mathematica até a sociologia. Só n'este terreno elevado da abstracção, pela interdependencia natural das sciencias fundamentaes, será possível a realização da harmonia e da solidariedade nos dominios do pensamento. As sciencias concretas, consequentemente, ou as sciencias de applicação, nada têm que ver com a universalidade da educação positiva.

Não ha duvida nenhuma que a divisão do trabalho intellectual é uma condição indispensavel para o progresso das sciencias; mas tambem V. S. não póde ignorar que a extensão indefinida d'esse principio, trazendo como consequencia inevitavel uma especialisação exagerada, transforma-o por isso mesmo em uma fonte poderosa de embarracos ao desenvolvimento normal da actividade scientifica. Como observa Augusto Comte, «o verdadeiro meio de impedir a influencia deletéria, de que parece ameaçado o futuro intellectual, não póde consistir em voltar á antiga co fusão dos trabalhos, que faria retrogradar o espirito humano.»

É preciso, consequentemente, separar o

abstracto do concreto, para se poder tentar uma generalisação qualquer na ordem dos conhecimentos. V. S., porém, em sua nomenclatura dá a entender muito claramente que essa separação não é necessaria e que para se ter uma educação universal é indispensavel, absolutamente indispensavel, ter-se boas noções de *todos os conhecimentos indistinctamente*. V. S. esquece-se inteiramente da divisão capital das sciencias em abstractas e concretas e confunde por isso mesmo a *educação geral*, com a *educação especial*, da mesma maneira que já confundiu erudição com sciencia.

«Apezar das uteis tentativas que já se tem feito, observa o eminente reformador, não se pode obter a regeneração da *educação geral*; porque o isolamento pronunciado do estudo das sciencias influe sobre a maneira de expol-as no ensino. Para se estudar hoje os seus principaes ramos é preciso fazel-o como o mesmo detalhe como se se quizesse tornar astronomico ou chimico; o que é quazi impossivel. Uma tal maneira de proceder seria chimerica em relação á *educação geral*, que, entretanto, exige um *conjuncto de concepções positivas sobre todas as grandes classes de phenomenos*. É um tal conjuncto que deve constituir, sobre uma escala mais ou menos extensa, *mesmo entre as massas*

*populares*, a baze de todas as combinações humanas, bem como o espirito geral de nossos descendentes. Mas é necessario que as differentes sciencias sejam apresentadas como os diversos ramos de um tronco unico. Só a sim é que o ensino das sciencias pôde tornar-se a baze de uma nova *educação geral*, á qual ficarão depois subordinados os estudos especiaes, correspondentes *as diversas educações especiaes*, que devem succeder á *educação geral*.»

Confronte agora V. S. esta distincção indispensavel entre a educação geral e a educação especial, feita pelo proprio autor genuino do grande aphorismo que V. S. copiou, com aquella sua nomenclatura e diga-me, ainda que seja unicamente para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria, se V. S. falseou ou não o pensamento d'aquelle grande philosopho, desde que desceu d'aquelle formula abstracta; para o terreno concreto dos detalhes? Diga-me ainda se não confundiu tambem a educação geral com a educação especial, erudição com sciencia, e se não fez consistir o fim da educação no simples preparo de *eruditos*, em vez de verdadeiros *homens de sciencia*?

Aquella malfadada nomenclatura foi que o enterrou! Maldicto o momento em que lhe cahiu do bico da penna aquelle desas-

trado periodo ! Foi alli que encontrou V. S. as terriveis *forças caudinas* para o seu criterio scientifico e philosophico, para a sua immensa reputação de homem illustrado e erudito. O seu nome, a sua fama, o seu prestigio, a sua autoridade, desappareceram como bolhas de sabão batidas pelo vento ! E tudo sómente em virtude de uma pequena imprudencia ou de um excesso de confiança em si mesmo !

Se, sómente pela *educação geral* é possível obter-se a harmonia e a solidariedade do pensamento humano, pela preponderancia indispensavel do ponto de vista de conjunto, abrindo-se margem ás diversas educações especiaes, sem, contudo, fazer-se retrogradar o espirito humano, por uma confusão perniciososa dos trabalhos intellectuaes ; e se essa educação exige tão sómente *um conjuncto de concepções positivas sobre todas as grandes classes de phenomenos*, para poder o ensino moderno tornar-se a baze de uma nova ordem social ; *com franqueza, verdadeiramente, justificadamente, haverá razão de ser* para V. S. incluir no plano de uma *educação geral* o estudo da geoesia, da geographia physica, da geologia, da mineralogia, da paleontologia, da botanica, da zoologia, da pathologia ? *Serriamente, francamente, mas mesmo bem sériamente, bem francamen*

te, não ha absolutamente nenhuma, a não ser aquella inclusão unica e exclusivamente para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria.

Sabe perfeitamente V. S. que uma sciencia nova e abstracta só se constitue, quando se encontra em um agregado da materia uma propriedade tambem nova, irreductivel a qualquer outra e que não póde ser estudada por qualquer das sciencias já constituídas. Sendo assim, eu lhe pergunto : qual a nova propriedade que constitue o objecto da geodesia, da geologia, da mineralogia, da pathologia ? Que nova cathegoria de phenomenos encontra V. S. no campo particular de cada uma d'essas sciencias ? Que influencia podem ellas exercer na systematisação dos conhecimentos humanos ? Eis ahi a razão porque eu disse que, para se ter uma educação universal, de harmonia com a generalisação do pensamento e caracterizada pelo seu ponto de vista de conjuncto, ha muita cousa que não se precisa saber, nem estudar, a menos que não se queira tornar um *simples erudito*, em vez de um verdadeiro homem de sciencia.

Aquella sua nomenclatura, porém, não revella sómente essa lamentavel confusão que fez V. S., talvez para sua alta recreação, entre erudição e sciencia ; revela tam-

dem uma *falha gravissima* no seu criterio scientifico e philosophico. Apesar de ter desido ao terreno concreto dos detalhes, passou V. S. em absoluto silencio sobre a *trigonometria, a geometria analytica e o calculo*, exigindo, entretanto, que o homem scientificamente preparado tenha boas noções de *mechanica, de astronomia, de geodesia*. Mas, sem o auxilio da trigonometria, por exemplo, como resolver-se o problema mais simples de geodesia ? Sem a geometria analytica, como comprehenderem-se as propriedades da elipse e da parabola, e, consequentemente, como comprehenderem-se os phenomenos astronomicos ? Sem o calculo, como estudar-se *mechanica* ?

Não, V. S. não cogitou de certo nas necessidades da moderna educação, como baze de uma nova ordem social, quando fez aquella desconjunctada nomenclatura, que poderá ser tudo quanto os seus admiradores quizerem, mesmo uma obra de genio, mas que aos olhos dos homens mais bem preparados e mais imparciaes, nunca passará de um formidavel embroglio, verdadeiro attestado de um cerebro incapaz para qualquer generalisação scientifica ou philosophica, só propria de um litterato pedante ou de um segundo Daniel Lambert.

Desculpe-me V. S. se levo a minha fran-



queza até a rudeza da expressão. «Não é o despeito que me move, porque não póde ter despeitos quem nunca teve aspirações.» Mas é que eu penso que «o que dizem os seus panyristas, o que diz mesmo em grande parte a imprensa brazileira, não é precisamente, exactamente a expressão do real. Esperar de V. S. o que V. S. não póde dar, attribuir-lhe illustração que não possui, chamar-lhe sabio e outros nomes que taes, embriagal-o com lisonjas, atturdil-o com elogios, é deital-o a perder de uma vez, é preparar ainda maior fiasco pela certa.»

## Illustrado Mestre

E a sua carta não se esquecer V. S.  
 de insistir que os deputados republicanos  
 nem ao menos são capazes de traduzir soffi-  
 velmente o inglês, que aliás é uma lingua  
 moderna e de frequente applicação nas con-  
 dições actuaes da vida social. Foi por essa  
 insinuação que aqui sabendo que V. S.  
 também conhece Buckle, uma das mais es-  
 pantosas erudições que se tem conhecido.  
 Pois bem, se V. S. tem de facto percorrido  
 as paginas brillantes da Historia da Civil-  
 zação na Inglaterra, o que piamente re-  
 dito havia de se encontrar uma pequena  
 observação, que evidentemente havia de  
 marginal-o bastante, pela severidade com  
 que aquelle grande pensador se exprime a  
 respeito do estudo da litteratura.  
 « Considerar o estudo da litteratura como  
 um dos objectos da educação, diz o eminente  
 escriptor, é desconhecer a ordem dos accon-  
 tecimentos, e tornar o fim subservente aos

### III

*Illustrado Mestre.*

**E**M SUA carta não se esqueceu V. S. de insinuar que os deputados republicanos nem ao menos são capazes de traduzir soffriavelmente o inglez, que, aliás, é uma lingua moderna e de frequente applicação nas condições actuaes da vida social. Foi por essa insinuação que fiquei sabendo que V. S. tambem conhece Buckle, uma das mais espantosas erudições que se tem conhecido.

Pois bem, se V. S. tem de facto percorrido as paginas brilhantes da *Historia da Civilização na Inglaterra*, o que piamente acreditado, havia de lá encontrar uma pequena observação, que evidentemente havia de magoal-o bastante, pela severidade com que aquelle grande pensador se exprime a respeito do estudo da litteratura.

« Considerar o estudo da litteratura como um dos objectos da educação, diz o eminente escriptor, é desconhecer a ordem dos acontecimentos, é tornar o fim subserviente aos

meios. E é justamente porque assim se tem feito que nós encontramos muitas vezes homens, que se dizem altamente educados, completamente atrasados em seus conhecimentos, pela actividade de sua educação. Muitas vezes encontramol-os *carregados de preconceitos, que a sua leitura, longe de dissipar, tem tornado ainda mais inveterados.* E a razão é porque a litteratura, sendo o grande deposito dos pensamentos da humanidade, está cheia, não sómente de sabedoria, mas tambem de absurdos. O beneficio, portanto, que se póde tirar da litteratura depende, não tanto da propria litteratura, *como da habilidade com que ella é estudada e do discernimento com que é escolhida.»*

Permitta-me que lhe diga que nunca vi uma observação que lhe calisse tão bem, com tanta propriedade e com tanta justiça, como esta. V. S. me parece que, em sua grande faina de devorar livros sobre livros, não faz aquelle processo de selecção aconselhado por Buckle e que tão cheio de consequencias salutaes poderia lhe vir a ser, em relação ao aperfeiçoamento e a systematisação de sua propria educação. Estou plenamente convencido de que se este fosse o seu proceder, V. S. não estaria hoje, como se acha, vergado ao peso de uma enorme mas-

sa de factos, que o seu cerebro já não póde mais generalisar.

De sorte que os seus vastos conhecimentos litterarios, se é verdade que V. S. os possui, como publicam espectacularmente os seus admiradores, em vez de dissiparem os seus velhos preconceitos, alliviando o seu espirito de tão perniciosa influencia, têm, ao contrario, concorrido energicamente para tornal-os ainda mais inveterados. Aquella habilidade, aquelle criterio, indispensaveis no estudo da litteratura, têm sido por V. S. postos de parte, como precauções inuteis e incommodas á alta recreação de seu espirito e ao desenvolvimento espantoso de sua actividade propria. Vai n'isto, porém, uma questão de temperamento. V. S. é essencialmente *sensitivo*, essencialmente impressionavel.

« Ha homens, diz um illustre biologista, que da cabeça aos pés são impressionaveis. Tudo os commove, tudo os agita, tudo os faz gozar ou soffrer. N'elles a acção nervosa é rapida, energica ; mas esta impressionabilidade, que jámais repousa, dá a seu character *uma mobilidade excessiva*. Suas faculdades intellectuaes, mesmo quando são bem desenvolvidas, *não podem se fixar por muito tempo sobre o mesmo objecto*. A attenção é nulla. Uma impressão expelle outra e a suc-

cessão ininterrompida das emoções torna a *intelligencia quasi inutil*. Não se póde esperar de semelhantes individuos uma série de esforços energicos, por muito tempo dirigidos para um mesmo fim : — uma grande descoberta, uma obra importante. Só podem ser bem succedidos na *litteratura poetica*, nas artes e principalmente na musica. É bastante saber-se que raramente elles se acham calmos, para se saber que *os seus juizos são sempre falsos.*»

Eis ahi physiologicamente traçado o seu retrato. V. S., extremamente impressionavel como é, e entregando-se com avidez á léitura de quanto livro lhe cahia nas mãos, foi cada vez baralhando mais o seu espirito e tornando cada vez mais difficil a generalisação dos conhecimentos, que ia pouco á pouco adquirindo ; de sorte que hoje, victima de seu proprio temperamento, quando V. S. se julga perfeitamente habilitado para apreciar os homens e as cousas, e que é considerado pelos seus admiradores como uma das primeiras illustrações brazileiras, não passa, entretanto, de um verdadeiro Daniel Lambert, inteiramente imprestavel para si mesmo e até para os outros. Suas faculdades intellectuaes, ainda mesmo que V. S. as tivesse perfeitamente desenvolvidas, ficaram inteiramente inutilisadas.

Se outro fosse o seu temperamento, com certeza que V. S. havia de dar frequentes provas de um outro criterio scientifico e philosophico, e o seu cerebro havia de ser mais adaptado aos processos de generalisação. V. S. não havia, por exemplo, na organização do seu plano geral de educação, de excluir desdenhosamente a trigonometria, a geometria analytica e o calculo, esses poderosos instrumentos da analyse mathematica, indispensaveis ao estudo da astronomia, da physica e da mechanica, e absolutamente necessarios a muitos ramos da educação especial. V. S. não havia de commetter aquelle grande attentado scientifico e philosophico (que outro nome não merece) que é incontestavelmente de todas as falhas de seu espirito a mais grave e a que mais claramente revela a ausencia completa de ponderação em suas faculdades mentaes.

Diz ainda mais V. S. que o homem scientificamente preparado, além de passar successivamente por toda aquella sua nomenclatura, da qual se acha *arbitrariamente excluida a economia politica*, quando entretanto alli vem *especialisada* a linguistica, deve tambem ter estudos classicos e solidos, e cita em abono de sua opinião um trecho de Garret, que é antigo, mas actual, porque a verdade não envelhece.

Ora, que Garret julgasse indispensavel o estudo do grego e do latim, ainda vá. Mas v. s. que é capaz de resolver uma equação do segundo gráo ; — de demonstrar as propriedades da hypotenusa e das cathetas de um triangulo rectangulo ; — de determinar a parallaxa da lua ; — de avaliar por meio de um raio de luz a quantidade de assucar que lhe adoça o café da manhã ; — de dizer que substancia deve combinar, e em que proporções para dissolver a mensalidade de um alumno que entra para o seu collegio, caso seja paga em ouro ; — de traçar a arvore genealogica da vida animal, a partir da *monera* e a terminar no homem aryano, passando como por etapas, pelos *gastreades*, pelos *acrania*, pelos *promammalia*, pelos *anthropoides* ; de reconstruir, em sua ardente imaginação, as fórmas exquisitas e gigantescas dos saurios da época jurassica ; — V. S., que é capaz de tudo isso e de outras cousas mais, que é um homem moderno, um espirito elevado, repetir ainda hoje uma banalidade, que tem sido repudiada pelas primeiras autoridades em materia de educação, sómente para ter o prazer de dizer que, *scientificamente, classicamente, os dous deputados republicanos não estão mais preparados do que seus collegas de parlamento, parece incrível !*



A educação classica ! Pois não é ella que «tem envenenado e que ainda continúa a envenenar a França», como exclama um dos mais eminentes publicistas d'aquelle paiz ? Não é ella que rouba inutilmente o tempo á mocidade, esterilizando a sua intelligencia, «quando tantos objectos maravilhosos e uteis sollicitam nossa curiosidade e reclamam o esforço de nossa intelligencia, quando todos os povos nos abrem os seus annaes, quando a vida do passado e a vida do presente desdobram-se a nossos olhos debaixo de tantas fórmas, quando a natureza levanta um a um todos os seus véos diante das investigações da sciencia», como diz Legouvé ! Não é ella ainda que se transforma em uma fonte de perigos para o espirito e para o senso moral da nação, educando a mocidade de um paiz inteiro, como diz Michel Bréal, na preocupação exclusiva da forma !

Que utilidade póde ter o estudo do grego e do latim ? Ouça V. S. as opiniões de Alexandre Bain, cuja exposição pedimos emprestada a um escriptor, que é com certeza muito seu conhecido : «Examinando primeiramente os conhecimentos que contêm os autores gregos e latinos, elle mostra que não ha um só facto, um só principio das sciencias phisicas ou moraes que não se ache expresso de uma maneira mais comple-

ta em todas as linguas modernas e que os trabalhos de philosophia grega são hoje mais bem conhecidos, graças aos traductores e commentadores, do que eram, ha um seculo, das pessoas que mais conhecimento tinham desta lingua : que no que concerne á medicina, Hippocrates está traduzido, e bem traduzido, e ninguem mais o lê no original. Mostra que os thesouros litterarios dos antigos nunca podem ser tão bem comprehendidos no original como nas traducções, em razão do imperfeito conhecimento que se pôde adquirir da lingua no collegio ; que, além d'isso, os modelos que poderiam nos offerecer as linguas mortas têm sido tão usadas que já passaram para as linguas que ha muito tempo fallamos. Examinando tambem o argumento que o estudo das linguas mortas seria uma disciplina intellectual, elle declara que não comprehende em que possa consistir essa disciplina e mostra que o estudo das linguas mortas faz trabalhar muito a memoria, mas que esse trabalho é mais um cansaço do que uma disciplina ; que se tivesse valor sobre o desenvolvimento da intelligencia, esse valor seria evidentemente o mesmo como se o estudo fosse feito sobre uma lingua viva, que entretanto poderia servir para alguma cousa. Quanto a pretensão que o conhecimento das linguas

modernas exige o conhecimento das linguas antigas, Bain mostra que, em vez de procurar o sentido da palavra original em latim, vale mais a pena apprendel-o em sua propria lingua, attendendo a que elle é frequentemente differente d'aquelle que ella tem na lingua original.»

Em vista d'isto o que dirá V. S. do estudo classico ? Parece-me que a opinião de Alexandre Bain é um pouco mais valiosa do que a de Garret e do que a sua, *apezar de sua reconhecida competencia scientifica*, em assumptos de linguistica e de classismo. Ha de, pois, me permittir que me separe de V.S. e que me colloque á sombra da autoridade do eminente autor da—*Sciencia da educação*. V. S. para mim já perdeu o encanto que tinha e o seu criterio scientifico e philosophico ficou completamente abalado, senão completamente arruinado.

---

Historia de...

...a gran  
...conducta podria  
...são tantos os  
...quidians nos for-  
...este  
...que dispa-me por  
...corta de que  
...que fosse edumta por  
...para satisfazer sua  
...que quer con-  
...e origin  
...sempre  
...de nossa nate

...em nua  
...ex-  
...o seu opulsi  
...de re  
...e de ma  
...se  
...que recu

#### IV

*Illustrado Mestre.*

**C**ONHECE perfeitamente V. S. a grande influencia que em nossa conducta podem exercer as nossas emoções. São tantos os factos que a observação quotidiana nos fornece, como attestados irrecusaveis d'esta verdade psychologica, que dispenso-me por agora de mais commentarios, certo de que V. S., ainda mesmo que fosse sómente para sua alta recreação ou para satisfazer sua actividade propria, não havia de querer contestal-a. Póde-se mesmo dizer que a origem de todas as nossas acções encontra-se em uma modificação qualquer de nossa natureza emocional.

Ora, V. S., como já mostrei em minha ultima carta, é dotado de uma natureza extremamente impressionavel; o seu organismo cerebral é uma verdadeira caixa de resonancia, que vibra constantemente e da maneira a mais exquisita possivel, conforme as multiplas e variadas influencias que recebe

do meio exterior. Os acontecimentos, os factos que diariamente se succedem, impressionam-o de modos diversos, segundo a acção que exercem momentaneamente sobre seu espirito e sobre suas emoções. Acontece, porém, que em vez d'essas emoções serem todas accordes, como o seriam em um cerebro bem equilibrado, em V. S. são todas desencontradas, como simples productos de occasião.

Permitta-me, pois, que lhe diga, muito embora seja V. S. o primeiro a declarar que não é o despeito que lhe move e nem tão pouco o desejo de agradar a quem quer que seja, que o unico motivo que o levou a criticar tão apaixonadamente dos meritos dos deputados republicanos foram as passeatas, os jantares *sub tegmine frondis*, as manifestações espectaculosas de todo o genero, que se fizeram por occasião da eleição dos dous deputados. Aquellas festas o impressionaram desagradavelmente, sobretudo por serem feitas por individuos de um credito politico a que V. S. *outr'ora pertenceu* e a dous cidadãos, cujos meritos V. S. sempre respeitou, em quanto ao seu lado militou nas fileiras republicanas.

Não ha duvida que elles não são homens scientificamente preparados para debater as grandes questões que agitam a sociedade mo-

derna ; elles ignoram completamente aquelle mixtificio scientifico e pedantesco que vem enumerado em sua celebre nomenclatura e nem ao menos são capazes de resolver uma equação do segundo gráo, muito embora seja de uma unica incognita e essa se chame Julio Ribeiro. Ninguem se lembrou de dizer que elles são verdadeiros homens de sciencia, a não ser V. S., para ter depois o prazer de Satan, que é o prazer de fazer mal. Todos nós estamos de accordo n'este ponto : os deputados republicanos não possuem conhecimentos scientificos. Mas a questão é muito diversa.

Ha individuos que possuem uma erudição vastissima e que, entretanto, nao possuem o minimo criterio para a exacta apreciação das cousas. De que valeria, por exemplo, mandar ao parlamento um homem que possuísse boas noções de todas aquellas sciencias por V. S. enumeradas, se esse homem não tivesse uma intelligencia bem disciplinada por um solido criterio scientifico e philosophico ? Encham-se os parlamentos de engenheiros, de medicos e de industriaes. Cesarão por isso os males sociaes ? Pois não tem V. S. mesmo em nossas camaras a prova da inefficacia de deputados d'essa ordem ? Como, pois, concluir que para um homem

ser bom politico basta saber resolver uma equação do segundo gráo ? !

Não. A questão é outra, a questão é mais de qualidade do que de quantidade, a questão é de ponderação e de criterio. Eu admito com Spencer que « para regular com successo a marcha da sociedade, é preciso conhecer-se a sua estructura, os principios segundo os quaes ella se acha organizada e as leis naturaes de que dependem os seus progressos. Quando não se entende bem o que constitue o desenvolvimento da sociedade, é muito facil commetterem-se graves erros, desde que se queira difficultar uma certa modificação para favorecer outra. Quando não se percebe bem a dependencia mutua de tantas funcções, cujo conjuncto constitue a vida de uma nação, expõe-se a causar desastres inesperados, por não se ter comprehendido como a alteração de uma dellas iria repercutir-se em todas as outras. Quem não conhece o *consensus* natural que existe a cada momento entre as partes do organismo social está exposto a fazer esforços inuteis para attingir um resultado, que não se compadece com o gráo de organização a que a sociedade tem chegado. Antes de se poder tentar racionalmente regular as transformações diversas que estão sempre em via de operação em uma massa de ho-



mens, é preciso ter-se já penetrado profundamente as causas d'essas transformações, suas mutuas relações, o entrançamento de todos os fios d'esse tecido, *o passado de cada cousa e a fórma que está prestes a tomar*. Em uma palavra, é preciso estar devidamente familiarisado com a sciencia social.»

O que V. S. devia, consequentemente, ter feito era provar que os deputados republicanos, pelas suas concepções politicas, não estão na altura das grandes questões que agitam actualmente a sociedade brasileira ; que não comprehendem o problema politico, tal como se apresenta em nossa sociedade ; que descõhecem os grandes processos scientificos para a solução dos problemas sociaes ; que ignoram o passado de nossas instituições e que não sabem interpretar devidamente a fórma que estão prestes a tomar. É verdade que elles não sabem mathematica, nem geodesia ; mas saberá V. S. se elles têm lido ou não Comte e Spencer ! Poderá V. S. affirmar que elles não estão mais ou menos familiarisados com o methodo sociologico ? Poderá dizer que elles ignoram absolutamente até a indole da sciencia social ?

Não, meu illustrado mestre, não é assim que se arruina a reputação de um homem ou que se acaba inteiramente com o seu merecimento pessoal. V. S. mesmo, apesar de

ser barulhentemente apregoado pelos seus admiradores como um verdadeiro Padre Eterno de sabedoria e sciencia, não acaba agora de dar muitas provas em contrario, compromettendo de uma vez o seu criterio scientifico e philosophico? Eu mesmo, apesar da exiguidade de meus conhecimentos, não provei em minhas cartas anteriores que V. S. não possui absolutamente conhecimento algum d'aquillo que escreve? Não lhe mostrei, por exemplo, que V. S., apesar de ter copiado um aphorismo de Augusto Comte, não o comprehendeu?—que não comprehendem tambem o verdadeiro problema da educação moderna?—que ignora inteiramente a mathematica, pois que um mathematico nunca se lembraria de exigir o estudo da mechanica sem o calculo, ou o estudo da geodesia sem a trigonometria?—que ignora até o que seja uma educação classica e torna-se por isso mesmo um repetidor inconsciente de banalidades que já tiveram o seu tempo? Onde estão, pois, os titulos que V. S. offerece como garantias de sua competencia, para julgar com tanta sobrançeria dos homens e das cousas?

Illustrado Mestre.

Não julgue V. S. que eu queira enthronisar a ignorancia ou a mediocridade presumptuosa, que se atira temerariamente ás luctas politicas, com o fim unico de tornar-se uma força dirigente no desenvolvimento do progresso social. Eu tambem acredito piamente que é preciso *saber para prever, e prever para governar*. No estado actual da evolução humana, principalmente, depois da profunda systematisação scientifica e philosophica operada n'este seculo por Augusto Comte, com a creação da sociologia, as funcções do governo tendem inevitavelmente a sahir do antigo empirismo de outros tempos para tomar uma feição mais racional e mais scientifica. A politica se racionalisa.

Já vê V. S. que eu tambem desejo que as classes dirigentes, aquellas que têm de exercer a funcção politica, possuam um verdadeiro preparo scientifico, para poder desempenhar convenientemente a alta mis-

são de que se acham encarregados. Não é de somenos importancia a tarefa de governar ; e nem tão pouco leva a bom caminho os destinos de um povo quem ignora completamente as leis do desenvolvimento social. Mas isso não quer dizer que se deva exigir que cada legislador seja um erudito. Homens tem havido que, apezar de seus insignificantes conhecimentos scientificos, tem no entanto revelado extrema habilidade no governo e até mesmo verdadeira intuição politica.

A historia está cheia d'esses exemplos. Basta recordar os nomes de Aranda e Florinda Blanca, em Hespanha ; o do Marquez de Pombal, em Portugal ; o de Somerset, na Inglaterra ; os de Richelieu e Turgot, na França ; e o de Cavour, na Italia. Todos esses grandes estadistas, cuja memoria será sempre venerada da humanidade, pelos relevantes serviços que prestaram ao desdobramento da civilização do occidente, não possuíam, entretanto, senão uma instrucção muito limitada. Possuíam, porém, e de uma maneira verdadeiramente admiravel, a força de penetração intellectual e a profundeza de concepção que caracterizam principalmente o verdadeiro homem de estado, e que o constituem um factor importante no desenvolvimento do progresso social. Nem um

d'elles se distinguiu pelos seus conhecimentos litterarios ou scientificos.

Foi por isso que eu disse em minha carta anterior que a questão é mais de *qualidade* do que de quantidade, mais de criterio e de ponderação do que de erudição. A nossa propria experiencia, neste periodo de pouco mais de meio seculo de vida constitucional, nos fornece exemplos bem significativos d'esta verdade.

Tomemos em nossa historia dous nomes que devem ser muito conhecidos de V. S.: Bernardo Pereira de Vasconcellos e Evaristo Ferreira da Veiga. Ambos eram bonitos talentos, bonitas illustrações, mas ignoravam completamente as sciencias enumeradas em seu mixtiforio scientifico, ridiculo e pedantesco. Ambos tinham *soff-ivel* experiencia de cousas politicas. Entretanto, politicamente considerados, que differença profunda entre elles! O primeiro, pela largueza de suas vistas politicas (mais tarde lamentavelmente desvirtuadas pelo despeito) revelou-se um verdadeiro estadista, o unico que até hoje temos tido e talvez o maior que até o presente tem apparecido na America do Sul; o segundo, ao contrario, carregado de preconceitos e com o espirito preso ás abusões de seu tempo, nunca passou de um politico mediocre, cujo unico me-

recimento consistiu em salvar a monarchia do terrivel naufragio de 31 e conservar até hoje a sociedade brasileira presa a uma fôrma de governo que sempre repudiou. É que o cerebro de um tinha mais ponderação do que o de outro ; é que um tinha mais penetração intellectual do que outro ; é que um tinha mais intuição politica do que outro.

N'estas condições eu lhe pergunto : tomadas as concepções politicas dos deputados republicanos, e confrontadas com as dos outros membros do parlamento, onde se descobre mais intuição governativa, mais largueza de vistas e mais exacta comprehensão das necessidades urgentes do nosso estado social ? Onde se descobre um plano de governo mais racional e mais scientifico, um conjuncto de medidas mais harmonicas e mais bem coordenadas ? Onde se verifica mais força de penetração intellectual, mais profundeza de concepção, mais ponderação, mais comprehensão do problema politico, mais previsão ? Será nos deputados republicanos ou nos deputados monarchistas ? Para mim, excuso dizer-lhe que a superioridade está da parte dos republicanos. É preciso, entretanto, que V. S. não se esqueça que eu estou apreciando os merecimentos de uns e de outros, sob o ponto de vista *exclusiva-*

*mente politico.* Não contesto que em *erudição litteraria* haja muitos outros que lhes sejam superiores.

Permitta-me, porém, que entre agora no cumprimento de minha promessa. Disse eu em minha ultima carta que ia examinar com toda imparcialidade os seus titulos de competencia. Vou começar pelos seus—*Traços geraes de linguistica*—3º volume da *Bibliotheca Util*, da qual era editor o Sr. Abilio Marques, e que foi publicada em 1880. Logo na *introducção* lê-se o seguinte :

« Todos os objectos do universo são a séde de manifestações ou phenomenos que se reduzem a seis ordens principaes, a saber : — phenomenos de quantidade, extensão, forma, movimento ou phenomenos do movimento, tamanho e distancia respectiva dos astros, ou phenomenos astronomicos : — phenomenos de calor, luz, electricidade, magnetismo, acustica ou phenomenos physicos ; — phenomenos de composição e decomposição, ou phenomenos chimicos ; — phenomenos de organização e vida ou phenomenos vitaes ; — phenomeno do desenvolvimento das sociedades, ou phenomenos sociaes. Ha entre estas seis ordens de phenomenos uma relação de dependencia que cresce da primeira á ultima : exemplificando os phenomenos de quantidade, extensão,

forma, movimento, acompanham e governam inevitavelmente todo o phenomeno astronomico que, por seu turno, acompanha e governa todo o phenomeno de calor, de luz, de electricidade, de magnetismo, de acustica. e assim por diante até a ultima ordem. Todavia cada uma das cinco ultimas ordens tem por caracteristico um facto fundamental, irreductivel, que a ordem precedente não apresenta.»

Ora, quem lêr o seu livrinho ha de se convencer que a passagem acima transcripta lhe pertence de direito; porquanto, não ha uma unica referencia que indique ser ella de algum outro escriptor e nem tão pouco vem acompanhada de aspas. Eu mesmo, á primeira vista, julguei que aquelle resumo da classificação de Augusto Comte era *seu*, *mas sómenie seu*; mesmo porque nunca suppuz que V. S. tivesse necessidade de fazer como a gralha da fabula, para ostentar leitura e conhecimentos scientificos vastos e profundos. Calcule, pois, V. S. qual não foi meu desapontamento, quando verifiquei que V.S. outra cousa não fez mais do que *copiar literalmente* as palavras de Pichard, em seu *Cathecismo da Doutrina do Real*, capitulo segundo, onde se lê o seguinte, supprimindo-se apenas as perguntas:

« Todos os objectos do universo são a séde



de manifestações ou phenomenos, que se reduzem a seis ordens principaes : — os phenomenos de quantidade, de fórma ou de extensão e de movimento dos astros, do seu tamanho, das suas distancias respectivas, ou phenomenos astronomicos ; — os phenomenos de calor, de luz, de electricidade, de magnetismo, de acustica, ou phenomenos physicos ; — os phenomenos de combinação e de decomposição, ou phenomenos chimicos ; — os phenomenos proprios dos seres vivos, ou phenomenos vitaes ; — os phenomenos de desenvolvimento das sociedades, ou phenomenos sociaes. Ha entre ellas a relação de complicação e dependencia crescentes desde a primeira até a ultima ; assim os phenomenos de quantidade, ou de extensão, ou de movimento acompanham e influenciam inevitavelmente todo phenomeno astronomico : — os phenomenos astronomicos acompanham e influenciam inevitavelmente todo o phenomeno de calor, ou de luz, ou de magnetismo, ou de acustica, e assim por diante até a ultima ordem. Cada ordem de phenomenos tem por caracteristica um facto fundamental, irreductivel, que as ordens precedentes não apresentam.»

Diga-me agora V. S. mesmo, que nome se costuma dar a um facto d'esta ordem ? O povo, em sua linguagem ingenua, mas

verdadeira e expressiva, costuma qualificar um facto semelhante de—*plagio*. É verdade que V. S., no prefacio, disse que o seu nome ia na frente do livrinho quasi com o mesmo direito com que nos rotulos de vinhos preciosos figura a firma dos engarrafadores ; esta escapatoria, porém, de nada lhe aproveita, e isto por duas razões : — a primeira é que V. S. declarou positivamente que a *exposição era sua* ; e a segunda é que, apesar de ter citado os nomes de diversos escriptores, *muito propositalmente encobriu* o de Prospero Pichard.

Pois V.S. será capaz de dizer e de sustentar que *aquella exposição* lhe pertence ? — poderá sustentar que a *introducção inteira* do seu (?) livrinho não seja *fielmente copiada* dos capitulos 1º e 2º do *Cathecismo do Real* ? Porque razão, então nem ao menos referiu o nome d'aquelle escriptor ? Porque razão não uzou para com elle da *sinceridade* que o caracteriza ? Porque não empregou aspas ? Porque não fez ao menos uma pequena *nota*, dizendo o lugar de onde havia tirado aquella *introducção* ? Não seria isso mais nobre de sua parte ? Não revelaria lealdade e franqueza ? Perderia com isso o seu criterio scientifico ? Ficaria prejudicada a sua *fama* ? Porque, pois, apresentou como *seu aquillo que não lhe pertence* ?

## VI

*Illustrado Mestre.*

**B**EM sei que á V. S. e a seus fervorosos admiradores pouco importam as revelações que vou fazendo ao publico, para minha alta recreação e para satisfazer unicamente minha actividade propria; apesar de tudo, porém, ha de consentir que eu continue n'este ingrato trabalho de dissecção scientifica e litteraria a que estou subordinando os seus variados titulos de competencia. Não é o despeito que me move, nem tão pouco o desejo de agradar a quem quer que seja; os que me conhecem de perto, conhecem tambem a minha altiva independencia.

Com o unico intuito de negar aos deputados republicanos qualquer merecimento pessoal, escreveu V. S. : — « ambos são conhecidos como bons advogados no fóro do interior da provincia; como tendo sido por vezes deputados provinciaes muito regulares. Fóra d'isto, nada. Nenhum d'elles escreveu jámais obra de folego ou mesmo passageira;

nenhum d'elles collaborou ainda em revistas de sciencia ou de litteratura. A sua bagagem de escriptores limita-se a alguns artigos de fôro ou de politica, esparsos nos jornaes da provincia.» Tudo isso é muito verdadeiro ; nenhum d'elles escreveu livro, mas nenhum d'elles também tem uma bagagem litteraria tão *suja* e tão cheia de vergonhas como a sua. Elles têm escripto apenas alguns artigos de fôro ou de politica, mas não têm plagiado ninguem. E estou certo de que *se quizessem fazer como V. S.*, muitas obras de folego teriam escripto.

Não ha duvida que V. S. mesmo declarou-se simples engarrafador de vinhos alheios ; mas não se esqueceu também de acrescentar : — « *verdade é que é minha a exposição.* » E aqui que se descobre a sua má fé habitual em assumptos litterarios. Pois o que é *expor* ? Eu não sou philologo e pouco entendo mesmo d'essas questões ; mas, a dar credito ao que encontro nos dictionarios, me parece que *expor* quer dizer : — *explicar, desenvolver, explanar, interpretar.* Expor uma doutrina vem a ser, portanto, explicar, desenvolver, explanar, interpretar essa doutrina ; consequentemente, *quem expõe não copia.* Se V. S., porém, apesar de dizer que a exposição é sua, *copia servilmente*, e se copia sem citar o nome do autor, sem fazer

a minima referencia, sem acompanhar a passagem copiada de aspas, é porque procede de má fé, com o unico intuito de fazer passar por seu aquillo que foi escripto por outro. V. S., portanto, não é simplesmente um engarrafador de vinhos alheios : é tambem um engarrafador de má fé.

Ainda na *introducção*, definindo a linguistica, diz V. S. : — « linguistica é o ramo da sociologia que tem por fim *o estudo dos elementos constitutivos da linguagem articulada e das fórmulas diversas que podem tomar esses elementos.* » Abel Hovelacque, em sua interessante obra—*A linguistica*—terceira edição, assim se exprime a paginas 4 : — « A linguistica póde ser definida : — *o estudo dos elementos constitutivos da linguagem articulada e das fórmulas diversas que tomam ou podem tomar esses elementos.* » Será sua esta exposição ? Será sua esta definição ? Quem foi que copiou ? Foi V. S. que copiou de Abel Hovelacque ou foi Hovelacque que copiou de V. S. ? Quem lêr os seus—*Tracos geraes*—é capaz de jurar que aquella definição é sua, pelo modo porque ella vem *exposta* ; mas tambem quem lêr—*A linguistica*—é capaz de jurar que ella pertence a Abel Hovelacque. E como V. S. *nem ao menos no prologo do seu livrinho cita o nome d'este escriptor*, parece que V. S. nem o co-

nhece ou que não o leu : razão ainda mais para augmentar o meu embaraço, a minha duvida.

Mas, vamos adiante. No capitulo primeiro, em que V. S. trata da séde da linguagem articulada, lê-se o seguinte :

« O exercicio da linguagem articulada está subordinado á integridade de uma parte mui circumscripta dos hemispherios cerebraes, e mais especialmente do hemispherio esquerdo. Essa parte está situada na margem superior da *scissura* de *Sylvius*, em frente á *insula de Rheil*, e occupa sómente a metade ou antes o terço posterior da terceira circumvolução frontal. Tal localisação foi demonstrada pela autopsia dos aphasicos. N'essa autopsia, com effeito, descobre-se sempre—uma lesão evidentissima da metade posterior da terceira circumvolução frontal esquerda ou direita—quasi invariavelmente, dezenove vezes em vinte, da circumvolução frontal esquerda. Uma lesão grave da circumvolução direita deixa muitas vezes persistir o uso da falla, mas—nunca se viu persistir o uso da linguagem articulada nos individuos que apresentaram na autopsia uma lesão profunda das duas circumvoluções alludidas. A estas conclusões da sciencia deduzidas dos factos relatados nos boletins das sociedades de anatomia, de

cirurgia, de anthropologia do mundo civilisado nada ha a accrescentar. Todavia resta ainda uma questão interessantissima : saber porque motivo o exercicio da faculdade da linguagem articulada depende de modo muito mais particular de uma circumvolução do hemispherio cerebral esquerdo, de preferencia a depender da circumvolução parallela do hemispherio direito, se bem que não pareça serem fundamentalmente differentes as funcções de um e de outro hemispherio. Vem este facto curioso de terem em geral as circumvoluções do hemispherio esquerdo desenvolvimento mais precoce do que o das circumvoluções do hemispherio direito. As primeiras, diz o Sr. Broca (1), já se acham desenhadas, quando, as segundas ainda não são apparentes. »

Segue-se immediatamente a citação de Broca, com a qual V. S. conclue este capitulo. Pois bem. Na obra já citada de Abel Hovelacque, a paginas 29, lê-se o seguinte :

« O exercicio da faculdade da linguagem articulada está subordinado á integridade de uma parte muito circumscripta dos he-

---

(1) *Du siège de la faculté du langage articulé*, Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris, 1865, pag. 383.

misphérios cerebraes e mais especialmente do hemispherio esquerdo. Esta parte está situada na margem superior da scissura de Sylvius, em frente á insula de Rheil e occupa a metade posterior, provavelmente mesmo o terço posterior sómente da terceira circumvolução frontal.» É a autopsia dos aphasicos que tem demonstrado esta localisação. N'esta autopsia, com effeito, descobre-se constantemente «uma lesão evidentissima da metade posterior da terceira circumvolução frontal esquerda ou direita», quasi sempre, desenove vezes sobre vinte, da circumvolução do lado esquerdo. Uma lesão grave da circumvolução direita tem muitas vezes deixado persistir o uso da palavra, mas «nunca se viu persistir a faculdade da linguagem articulada nos individuos que tem apresentado na autopsia uma lesão profunda das duas circumvoluções em questão.» (1) Todavia uma questão interessante se levanta: é a de saber porque motivo o exercicio da faculdade da linguagem articulada depende de uma fórma muito mais particular

---

(1) *Bulletins de la Société anatomique*, 1861, 1863. *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, 1861, 1863, 1865, 1866. *Bulletins de la Société de Chirurgie*, 1864. *Exposé des titres et travaux scientifiques*, 1868.



de uma circumvolução do hemispherio cerebral esquerdo, em vez da circumvolução parallela do hemispherio direito, se bem que as funcções de um e de outro hemispherio não pareçam ser fundamentalmente differentes. Este facto curioso resulta de terem as circumvoluções do hemispherio esquerdo um desenvolvimento em geral mais rapido que o das circumvoluções do hemispherio direito (2) As primeiras se acham já desenhadas, como diz o sr. Broca (3) quando as outras ainda não são apparentes.»

Vem em seguida a referida citação de Broca. Mais uma vez lhe pergunto: que nome merece um facto d'esta ordem? De quem é esta exposição? Mas o que mais admira é que Abel Hovelacque, de onde V. S. copiou, cita os autores e os lugares de onde tirou aquelles trechos, além de collocal-os entre aspas; emquanto que V. S. apresenta tudo como seu.

Ha ainda uma prova que evidencia mais a sua má fé: — em uma nota ao capitulo nono, escreveu V. S.: — *este capitulo é traducção de um artigo de A. Lefèvre, consumado lin-*

---

(2) Gratiolet, M. M. Bertillon, Baillarger.

(3) *Du siège de la faculté du langage articulé*, Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris, 1865, pag. 383.

*guista francez.*—Porque razão não poz tam-  
bem uma nota ao capitulo primeiro, dizendo  
que *era traducção de Abel Hovelacque, con-*  
*sumado linguista francez*? Será porque V. S.  
escreve sómente para sua alta recreação e  
para satisfazer sua actividade propria? Sé-  
riamente, francamente, mas mesmo bem sé-  
riamente, bem francamente, será isto o que  
V. S. chama de bagagem litteraria honrosa  
e digna de um homem de talento, que presa  
a sua reputação de escriptor? Não. Isto é  
simplesmente indecoroso!

*Illustrado Mestre.*

**D**ECIDIDAMENTE que em bagagem literaria ninguem lhe leva vantagem. Não conheço n'este paiz outro escriptor que tenha como V. S., tão completas e tão desenvolvidas, as qualidades precisas para a confecção de uma obra ligeira. Os seus—*Traços geraes de linguistica*—são uma prova exuberante da sua extrema habilidade, da sua vasta erudição, da sua incomparavel *ligeirisa*. Tinha, pois, razão de sobra V. S., quando censurou os deputados republicanos por não terem escripto até hoje nem ao menos uma obra ligeira! É tão facil o processo, tão simples e tão rapido, que realmente é para admirar que ainda se conserve até hoje como um monopolio exclusivamente seu.

Não pense, porém, que eu queira deprimi-lo por isso; ao contrario, admiro ainda mais os extraordinarios recursos de seu talento e não sei até mesmo como venerar a brutalidade de sua coragem, arrostando com

uma legião enorme de falsos preconceitos que ainda escravizam os espiritos e roubam a tantas intelligencias robustas e fecundas a amplitude de sua *liberdade*. Poderá isto, aos olhos de muitos, parecer uma exqu岸tice de sua parte, mas não é : são principios de *sinceridade litteraria* estabelecidos pela consciencia universal, que V. S. adopta francamente, como o verdadeiro typo do homem moderno, e de que quer dar praticamente exemplos. Louvo-o por isso. Já não é pequeno serviço prestado aos seus compatriotas mostrar-lhes praticamente como se faz uma *obra ligeira*.

Realmente, V. S. é habil, é habilissimo. Veja-se, por exemplo, com que *ligeirosa* escreveu V. S. este periodo : — « nada de indicação de genero, de numero, de pessoa ; nada de determinação de tempo ou de modo ; nada de proposições ; nada de conjuncções ; cada palavra — raiz ou antes cada raiz — palavra designa uma idéa cujo valor, cujo sentido preciso é determinado pela sua posição na phrase. » (*Traços ligeiros de linguística*, pag. 36).

Este periodo, como de costume, vem acompanhado de aspas, nem de referencia alguma. Está alli como se Abel Hovelocque, porém, encontrasse bem o seguinte : — « estas raizes — pa

ou estas palavras—raizes não designam senão uma idéa essencialmente geral. Nada de indicação de pessoa, de genero, de numero ; nada de indicação de tempo, de modo ; nada de elementos de relação ; nada de conjuncções ; nada de preposições.» (*La Linguistique*, pag. 39.)

Muitos outros exemplos poderia eu fornecer ao publico de sua extrema habilidade na confecção de *obras ligeiras* ; isso, porém, me levaria muito longe, porque teria de transcrever quasi que inteirinhas as 117 paginas de seu livrinho. Peço-lhe, pois, que me dispense d'esse enfadonho trabalho, tanto mais que escrevo unicamente para minha alta recreação e para satisfazer minha actividade propria. E mais : escrevo por civismo. O homem que sabe servir-se da penna, que póde publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, commette o crime de covardia, é máo cidadão.

Demonstrado assim á saciedade quão desarrazoadas, quão injustificaveis, quão inanes são as thuriferações estrepitosas ao seu merito pessoal, como linguista, passo a considerar a segunda face da questão, isto é, passo a demonstrar que igualmente desarrazoadas, igualmente injustificaveis, igualmente inanes, são essas thuriferações : o seu

merito pessoal, como philologo. Deixo, pois, de parte a sua *obra ligeira* e vou entrar na analyse ou antes vou applicar o mesmo processo de disseccão á sua *obra de folego*, a sua grammatica. Sei que tóco no seu maior melindre litterario e scientifico; mas nem por isso devo recuar. Para rectificar os factos, para arrancar dos hombros da verdade o manto de lantejoulas que lhe encobre a formosissima nudez, não ha remedio senão fazer alguém de desmancha prazeres. Tomei a mim esta tarefa. Vou cotejal-o com Holmes, professor da Universidade de Virginia, e tomo para materia do cotejo a syntaxe.

Começo :

§ 326.—Sentença é uma coordenação de palavras ou mesmo uma só palavra formando sentido perfeito, ex.: *as abelhas fazem mel.* (Julio Ribeiro.)

§ 348.—A sentence is a combination of words, or a single word, conveying a complete sense. as: *the bees make honey.* (Holmes.)

§ 327.—Relativamente á sua significação as sentenças são declarativas, imperativas, condicionaes, interrogativas e exclamativas. (Julio Ribeiro.)

§ 353.—Sentences, in respect to their meaning, or purport, may be divided into five classes—declarative, imperative, condi-

tional, interrogative and exclamationary. (Holmes.)

§ 328.—Sentença declarativa é a que declara ou assevera uma cousa, ev. : *o dia está quente.* (Julio Ribeiro.)

§ 354.—A declarative sentence is one that declares or asserts something, as: *the day is warm.* (Holmes.)

Em seguida áquelle mesmo parographo faz V. S. a divisão das sentenças declarativas em affirmativas e negativas, e accrescenta esta observação :

« Estes dous generos de sentenças são identicos em forma e construcção grammatical, comquanto directamente oppostos em significação. Para converter-se uma sentença affirmativa em negativa basta ajuntar-se-lhe o adverbio não ; e vice-versa, para converter-se uma sentença negativa em affirmativa é sufficiente a subtracção do mesmo adverbio.»

Holmes, faz a mesma divisão e observa :

« These two kinds of sentences are the same in grammatical form and construction, though directly opposed in signification. The addition of the negative adverb *not* converts an affirmative into a negative sentence.»

§ 329.—Sentença imperativa é aquella por meio da qual se ordena, se requer ou se pede

que se faça alguma cousa. Seu caracteristico é o uzo do verbo no modo imperativo, ex. : *tráze fogo.* (Julio Ribeiro.)

§ 355.—An imperative sentence is one which commands, requests, entreats. It is characterized by the use of the verb in the imperative mood, as : *bring me pen.* (Holmes.)

§ 339.—Sentença condicional é a que assevera uma cousa mediante uma condição, ex. : *Pedro, se for avisado, escapará da cilada.* (Julio Ribeiro.)

§ 356.—A conditional sentence is one in which a condition is expressed, as : *had you reflected, you would have acted differently.* (Holmes.)

§ 331.—Sentença interrogativa é a que se emprega para fazer perguntas, ex. : *está chovendo?* (Julio Ribeiro.)

§ 357.—An interrogative sentence is one employed in asking questions, as : *is the sun warm?* (Holmes.)

§ 322.—Sentença exclamativa é a que exprime um sentimento, opinião relativa, asseverada ou por asseverar, ex. : *que guerra vai haver!* As sentenças exclamativas são desconexas relativamente ao discurso em que occorrem, e podem ser consideradas como phrases interjeccionaes. (Julio Ribeiro.)



§ 358.—An exclamatory sentence is one which expresses a feeling or opinion in regard to something stated or to be stated, as : *how wonderful is man !* Explanatory sentences are disconnected in construction from the discourse in which they occur, and may be regarded as interjectional phrases.

Ora, ahí está como se escreve uma obra de folego ! E ainda V. S. reclama para si o direito de autor sobre um livro como este, por julgar ter cumprido com todas as prescripções das leis do seu paiz ! Que prova de sinceridade litteraria ! Na seguinte carta entrarei em outros detalhes.

Iluminado de cores

Já me fez V. S. aquillo que eu não  
 esperava de-me-a audida honra de uma  
 pedreira resposta. Realmente já a muita  
 para quem só escreve para sua alta recrea-  
 ção e para satisfazer sua actividade propria.  
 Estas questões de prohibida litteraria são  
 tão insignificantes, tão peduerinas, tão tas-  
 teiras, que nem vale a pena d'ellas se occu-  
 par um homem que já tem a sua reputação  
 firmada como linguista e como philologo.  
 Malinco de plagiaris, por ter encontrado  
 em sua carta litteralmente reproduzido  
 sem a minima referencia ao autor, um epho-  
 nismo de Augusto Comte. Ingeridada de  
 minha parte. A cousa é mesmo como V. S.  
 o disse quem tem lido obras de philoso-  
 phia moderna tem obrigação de saber adre-  
 so. E mais: é um pensamento hoje tão sur-  
 rado, tão batido, que para citar-lhe o autor  
 seria tambem preciso citar o autor de dito

## VIII

*Illustrado Mestre.*

JÁ me fez V. S. aquillo que eu não esperava : deu-me a subida honra de uma pequena resposta. Realmente já é muito para quem só escreve para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria. Estas questões de probidade litteraria são tão insignificantes, tão pequeninas, tão rasteiras, que nem vale a pena d'ellas se occupar um homem que já tem a sua reputação firmada como linguista e como philologo. Malsinei-o de plagiario, por ter encontrado em sua carta, litteralmente reproduzido e sem a minima referencia ao autor, um aphorismo de Augusto Comte. Ingenuidade da minha parte. A cousa é mesmo como V. S. o disse : quem tem lido obras de philosophia moderna tem *obrigação* de saber aquillo. E mais : é um pensamento hoje tão *surrado*, tão batido, que para citar-lhe o autor seria tambem preciso citar o autor de ditos

como estes : -- *agua mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

É verdade que aquelle aphorismo não é um *anaxim popular* : é um pensamento synthetico de um grande philosopho, producto de um *systema* particular e que vem em uma das paginas de uma obra de diversos volumes e de difficil aquisição, pelo seu custoso preço. Isso, porém, não importa. Quem não tiver o *Curso de philosophia positiva* que o compre, porque tem *obrigação* de tel-o em sua estante.

Ainda mais. Seja muito embora o positivismo uma doutrina nova, que mal começa agora a propagar-se ; isso tambem pouco importa. Os seus aphorismos *já são tão surrados* que tornaram-se verdadeiros *annexins*. Quem quizer hoje póde até citar uma pagina inteira de Augusto Comte, sem precisar de indicar o autor. Poderá isto parecer uma exquissite, mas não é : são principios de *probidade litteraria* que V. S. acceita e de que quer dar praticamente exemplos.

Mas, dou mesmo de barato que aquelle aphorismo seja um *annexim* e que, consequentemente, reproduzindo-o em sua carta, V. S. não póde ser accusado de plagiario. Faço-lhe essa concessão. Como, porém, explica V. S. as paginas que copiou de Prospero Pichard e de Abel Hovelacque em seus

—*Traços geraes de linguistica?*—Será apen-  
gando-se ao pequeno prologo? Mas isso será  
simplesmente fazer um *fiasco* ainda maior.  
Pois não disse, não escreveu V. S. n'aquelle  
mesmo prologo que *a exposição é toda sua e*  
*sómente sua?* E V. S. como philologo emi-  
nente deve saber perfeitamente que *expor* e  
*copiar* são dous vocabulos que exprimem  
idéas inteiramente diversas. Eu posso, por  
exemplo, appropriar-me da doutrina de Au-  
gusto Comte, *expol-a* em um pequeno livro  
e pôr o meu nome como autor de tal livro,  
sem incorrer de modo algum na pecha de  
plagiario; se, porém, eu *apenas traduzo lit-*  
*teralmente* Augusto Comte e depois venho  
dizer ao publico que *a exposição é minha*  
e ponho o meu nome como autor, decidida-  
mente que falto com os preceitos de probi-  
dade litteraria, sou plagiario. Ora V. S. não  
*expo?* Pichard nem Abel Hovelacque: *tradu-*  
*ziu-os litteralmente, copiou paginas inteiras*  
d'aquelles escriptores. De que lhe vale, pois,  
dizer que V. S. apenas repetiu os ensinamen-  
tos dos mestres, *cujas palavras por vezes*  
*trasladou litteralmente?*

Se esta explicação era sufficiente para pro-  
var a sua *probidade*. quando por ventura al-  
guem o atacasse n'esse ponto, então porque  
motivo julgou V. S. necessario declarar em  
uma nota ao capitulo nono que aquelle capi-

tulo era *traducção de um artigo de Lefèvre, consumado linguista francez*? Pois, si v. s. havia dito que trasladara as palavras dos mestres por vezes *litteralmente*, e si isso era bastante para livral-o da pecha de plagiario, parece-me que aquella declaração era desnecessaria. Ainda mais Si V. S. escreveu aquella nota ao capitulo nono pelo facto de ter elle sido *traduzido* de Letèvre, por que motivo não poz uma nota identica ao capitulo primeiro, desde que V. S. tambem outra cousa não fez sinão *traduzil-o litteralmente* de Abel Hovelacque? A razão que prevaleceu para V. S. pôr a nota no primeiro caso devia igualmente prevalecer para o segundo, pela identidade completa de circunstancias. E' isto ao menos o que me parece mais regular.

V. S. porém, não só não poz nota alguma, como até *nem citou* o nome de Hovelacque no prologo. Assim, pois, emquanto v. s. não provar que *aquella exposição é sua* ha de ser tido por mim e por todos como plagiario. Si é verdade que um aphorismo de Augusto Comte é hoje cousa *tão surrada* que todo o mundo tem obrigação de sabel-o. a ponto de não haver necessidade de citar-se o seu auctor, me parece que ninguém tem *obrigação* de saber de cór paginas inteiras de Pichard e de Hovelacque. Póde bem ser,

entretanto, que as obras d'esses escriptores estejam para V. S. na ordem das *surradas* e n'esse caso é forçoso confessar que V. S. procedeu muito regularmente. O Lefèvre, por exemplo, ainda não é *surrado*; mas o Pichard, o Hovelacque e o Augusto Comte, esses já passaram á cathegoria de autores de anexins. V. S., porém, que parece ser forte em anexins, ha de conhecer um que diz que—*quem o alheio veste na praça o despe.*

Permitta-me, porém, que volte á sua grammatica. Como já mostrei á sociedade em minha carta anterior, V. S., tratando da syntaxe, copiou servilmente, não sómente as definições, como até os exemplos da grammatica de Holmes. Entretanto, nem uma unica vez se encontra em sua grande obra de folego citado o nome daquelle escriptor. V. S. copiou as suas definições literalmente e nem sequer teve a *benevolencia, a amabilidade, a probidade* de citar o seu nome. Talvez este escriptor já passasse tambem para a ordem dos *surrados*. Verdade é que tanto o Pichard, o Hovelacque, como o Holmes foram bem *surrados* por V. S.: os dous primeiros na sua *obra ligeira*, e o ultimo na sua *obra de folego*. Mas que folego! Um folego honesto, probo e sincero, como outro ainda não tem apparecido.

Holmes, apazar de ser professor de histo-

ria, litteratura geral e de rhetoria na Universidade de Verginia, quando escreveu a sua *grammatica da lingua ingleza*, assim se exprimiu no prefacio:—« All accessible sources, english an american, have been consulted and *freely used*. It is proper to express in general terms a grateful sense of obligation to many excellent school grammars, and to acknowledge the continual assistance obtained from Wallis, Horne Tooke, Taylor, Latham, Marsh. Clark, If rd. Max Muller, and many other authors whom it would be tedious as well as ostentatious to mention. *The examples and exercises have been usually taken without hesitation from preceding works of a similar nature.*— a procedure adopted in most school grammars. No pretension to originality is made; the only aim has been to secure correctness, clearness and precision. *There has been every desire to rob no one of his fair fame and appropriate nothing which could be claimed as the discovery of a predecessor »*

V. S., porém, apresentou o seu trabalho ao publico com estas simples palavras:— « Peço á critica illustrada o que ella me não pôde recusar—*toda a severidade para com esta grammatica.* » Que differença entre um e outro ! Holmes é modesto, apesar de sua reconhecida competencia ; V. S. é o arro-



gante e orgulhoso. Holmes declara que serviu-se *livremente* de todas as fontes accessiveis, para a confecção de sua grammatica ; V. S nada diz a respeito, apesar de tel-o copiado servilmente. Holmes leva a sua probidade litteraria ao ponto de dizer que foi nimiamente escrupuloso em não roubar a quem quer que seja a sua justa fama, appropriando-se d'aquillo que podia ser reclamado como descoberta de outro ; V. S., apesar de apresentar como seu aquillo que não lhe pertence, apesar de se appropriar de trabalhos alheios, apesar de copiar servilmente ; diz apenas que só pede toda a severidade para com sua grammatica. Que petulancia !

V. S., porém, que é versadissimo em materia de anexins, lembrou-se de certo de que—*na terra de cêgo, quem tem um olho é rei*, e julgou mais conveniente, para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria, apresentar o seu trabalho como uma obra original. Original na verdade ! Mas é de uma originalidade de segunda ou de terceira mão.

Quando pedindo-lhe desculpa pela  
 falta involuntaria que commetti São tanto  
 os meus afazeres, tantas as preocupações,  
 que se tendo como em uma resolução de fer-  
 rir para nas horas furtivas nos trabalhos da  
 profissão, não succumbi à attracção auctua-  
 da pestes na espinha, se pôderis lavar  
 a parte que commettimento d'esta ordem  
 V. S. sabe perfeitamente que n'este meso-  
 salario e lethifero, n'este estomago de mino-  
 tanto, n'este viver de provincia que engola,  
 que devora, que digere a quem não tem uma  
 força de vontade descomunal, feror, indo-  
 mais, para lutar a todas as horas contra  
 todos e contra tudo, já é muito quando se  
 encontra algum que, ainda mesmo que seja  
 só para satisfazer suas actividade propria e  
 para sua alta rectação, toma a si a tarefa  
 de rectificar os factos para ~~atender~~ dos  
 honrosos da verdade o mando de lantejoulas  
 que lhe encobre a formosissima vida.

## IX

*Illustrado Mestre.*

**C**OMEÇO pedindo-lhe desculpa pela falta involuntaria que commetti. São tantos os meus afazeres, tantas as preocupações, que só tendo como eu uma resolução de ferro para, nas horas furtadas aos trabalhos da profissão, não succumbir á attracção sirenica da palestra na esquina, se poderá levar avante um commettimento d'esta ordem. V. S. sabe perfeitamente que n'este meio safaro e lethifero, n'este estomago de minotauro, n'este viver de provincia que engole, que devora, que digere a quem não tem uma força de vontade descommunal, feroz, indomavel, para lutar a todas as horas contra todos e contra tudo, já é muito quando se encontra alguem que, ainda mesmo que seja só para satisfazer sua actividade propria e para sua alta recreação, toma a si a tarefa de rectificar os factos para arrancar dos hombros da verdade o manto de lantejoulas que lhe encobre a formosissima nudez.

Continuo, portanto, no meu ingrato trabalho de dissecção. É ainda da sua obra de folego que se trata : é da sua grammatica.

Logo na *introducção*, no paragrapho primeiro, dá V. S. a definição de grammatica e faz *imediatamente* uma chamada, para indicar que aquella definição é de Whitney, e em seguida faz este commentario :—« a grammatica não faz leis e regras para a linguagem ; expõe os factos d'ella, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da grammatica não tem por principal objecto a correcção da linguagem. Ouvindo bons oradores, conversando com pessoas instruidas, lendo artigos e livros bem escriptos, muita gente consegue fallar e escrever correctamente sem ter feito estudo especial de um curso de grammatica. Não se póde negar, todavia, que as regras do bom uso da linguagem, expostas como ellas o são nos compendios, facilitam muito tal aprendizagem ; até mesmo o estudo d'essas regras é o unico meio que têm de corrigir-se os que na puericia aprenderam mal sua lingua.»

Este commentario figura alli como um producto genuino de sua observação. Está inteiramente desacompanhado de aspas e nem a *chamada* a elle se refere. Parece, pois, a quem lê que é realmente de sua lavra par-

ticular, tanto mais que a *chamada* se refere unicamente á definição. Vê-se desde logo que assim procedendo foi sua intenção excluil-o, separal-o, apresental-o como uma pessa a parte, independente, *original*. Se essa não fosse a sua intenção, de duas uma: ou V. S. fazia a *chamada* no fim do commentario, ou então collocava-o entre aspas. Nada d'isso, porém, fez V. S. Creio, portanto, que não adultero a verdade affirmando que V. S. teve realmente a pretensão de apresental-o como *original*, como seu, como unicamente seu. Vou ainda mais longe e digo cathegoriamente que V. S. faltou com sua costumada probidade.

Ouçame. Supponha V. S. que vamos ambos, em palestra muito amigavel e familiar, subindo a rua da Consolação. V. S. falla me com muito enthusiasmo de sua grammatica e espera mesmo que a sua publicação venha a ter no paiz as proporeções de um grande acontecimento. Eu o escuto e o admiro em suas justas expansões de autor, que enxerga no futuro a perspectiva de uma fama sem igual. Chegados a uma casa terrea, em frente ao sobrado do dr. Martinho Prado, V. S. convida-me a entrar. Entro. Ficamos sós em um pequeno quarto V. S. então começa a me lêr as primeiras folhas de sua grande obra de folego. Repete a de-

finição de grammatica de Whitney e diz immediatamente : *Agora ouça o commentario.* V. S. lê e me pergunta : — *Então, que tal ?* Realmente, está esplendido. — *Isto o senhor ainda não ouviu, ainda não foi dito por ninguém. Pois fique sabendo que é meu. Como vai fazer barulho isto !* — Terminada a leitura, da qual me ficou até hoje uma impressão bem viva, tratei de arranjar uma grammatica de Whitney. E então o que vi ? ! Vi simplesmente um escandalo ! Aquelle commentario famoso que V. S. me tinha lido com grandes gabos e que me affirmára ser seu, encontrei-o perfeitamente igual, nos mesmos termos, na grammatica de Whitney ! Cahi das nuvens. Pois V. S. um plagiario ! Ah ! fragilidade humana !

Sinto não ter a grammatica de Whitney n'este momento para citar-lhe mesmo em inglez o commentario a que me refiro ; aquella historia, porém, que acabei de contar, suppirá á sua memoria a falta do livro Appello para a sua consciencia de homem, que certamente ha de ser um pouco mais pura do que a sua consciencia de autor. Mas posso ainda fornecer-lhe uma prova mais decisiva da sua falta de probidade para com aquelle estimado philologo, de quem V. S. copiou desapiadadamente e até ás vezes *sem criterio*. Depois de dividir os pronomes em

substantivos e adjectivos, acrescenta V. S. no paragrapho 160 que o pronome adjectivo divide-se em demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinido; *exclue*, portanto, inteiramente de sua classificação o *pronome relativo*. Entretanto, no paragrapho 375 diz V. S. — « A clausula adjectivo está sempre em relação attributiva com um substantivo expresso ou subentendido, ao qual se prende por meio de um *pronome relativo*. » Isto, porém, explica-se : V. S. copiou este paragrapho *litteralmente* do paragrapho 430 da grammatica de Whitney e *esqueceu-se* de que outra coisa havia dito na taxonomia. D'aqui eu concluo, não sómente que V. S. copiou as regras e definições de sua grammatica, mas ainda que copiou as *sem o minimo criterio*. Eis ahi comò V. S. passa hoje por eminente philologo ! Mais cousas tinha eu que dizer de sua *obra de folego* ; estou, porém extremamente fatigado e por isso cedo a palavra a um illustre cavalheiro, que é mais competente do que eu em assumptos d'esta ordem. Diz elle :

« De todos os seus trabalhos scientificos, porém, a Grammatica Portugueza, é a que lhe parece agradar mais como pedestal para exaltal-o sobre os que sobre a materia tem escripto.

Como o Brazil parece ao illustre solitario de Capivary uma terra de cégos, despresando a critica dos nacionaes que, por orgam do sr. Capistrano mais autorisadamente se manifestou na *Gazeta de Noticias* e descobriu *atrazos indesculpaveis* no trabalho, quiz elle recommendal-a antes pelo juizo dos sabios da Europa ; e, n'esse intento, deu publicidade á felicitação de Mr. A. Lefèvre e aos agradecimentos de Mr. Bréal e de um sr. Platão, da Russia, os quaes retribuiram com uma obra sua a remessa da nova grammatica.

Se, em vez d'isso, o sr. J. Ribeiro tivesse dado a lêr aos seus compatriotas a opinião de um celebre romanista de Munich—opinião que não era nem um cumprimento nem um agradecimento sem alcance para firmar o merito scientifico da sua obra—é provavel que ninguem interpretasse o silencio, que em torno d'ella se fez no paiz, como incapacidade para analysar-lhe o valor.

Não o tendo feito, ha de permittir-nos que para nossa alta recreação, o façamos agora.

Segundo o alludido romannista, a grammatica do sr. J. Ribeiro não veio cummular a lacuna que na lingua portugueza existe a esse respeito ; veio apenas preencher-lhe uma parte muito pequena. O que n'ella ha de mais importante já se achava preparado



pelos bellos trabalhos de Adolpho Coelho ; — nas suas referencias etymologicas erra muitas vezes ; — na parte syntactica cousa nenhuma innovou. Eis o transumpto. E' critica allemã : breve, é verdade, porém, conscienciosa e imparcial.

Quem tiver, com effeito, lido os trabalhos correlatos elaborados em Portugal nos ultimos tempos, ha de sentir confirmada a primeira asserção do critico : o sr. J. Ribeiro entrou em terreno já desbravado e quiz tambem colher as glorias do desbravamento ; — quem conhecer alguma cousinha das grammaticas inglezas e americanas, terá verificado a verdade da ultima.

Os grammaticos americanos sobretudo porque prendem se mais intimamente a uma das phases do *polybismo* do illustre autor do Padre Belchior de Pontes : o seu sacerdocio presbyteriano. Whitney, citado desde a 1ª pagina, entre aquelles, e Mason, fazem os gastos da empresa, pela maior parte.

E', sem duvida, muito digno de louvor no sr. J. Ribeiro que s. s. quizesse guiar-se pelos melhores modelos ; o que porém, causa raparo é que, tendo pretendido abitolarse quanto possivel por um processo scientifico, ficasse o trabalho aquem de outros, que lhe não podem ser extranhos.

A Grammatica Portugueza de sua lavra cahiu na maior parte das subtilizas metaphysicas, que constituem o vicio dos trabalhos d'essa natureza e se, em forma e disposição das materias, trouxe uma feição diversa, no fundo conservou as do molde condemnado.

E' impossivel que S. S. não conheça a grammatica de Bain, e o seu Companion.

Fez já a comparação entre essa e a sua?

Notou, por acaso, a differença, que as extrema? Um, scientifico e logico, assentando os seus principios com segurança, chegando ás suas consequencias com verdade, e precisão; o outro vacillante e incerto, cahindo em contradicções, e indo dar muitas vezes a consequencias contrarias aos principios, que parece ter tido em vista?

E indagou a razão de resultados tão encontrados?

Bain, sem se preoccupar com o empenho futil de escolher uma d'entre as mil definições de grammatica, comprehendeu o objecto d'esta, e, estudando os factos da linguagem sob um ponto de vista seguro, asseritou os seus principios como inducções obtidas com applicação e cautela pelos processos regulares da observação e comparação. S. S. assentando que a grammatica é a exposição methodica dos factos de uma lingua, deduziu

das grammaticas as leis, que regem essa lingua, manda, por exemplo, dizer Iphigenia, quando todas as boccas, que fallam o idioma de Camões, estão ahí a bradar Iphigénia. Que importa a etymologia? Então o povo que tomou a palavra *bond*, designativa de um titulo creditorio, e a applica aos vehiculos chamaços alhures carris ferreos, não terá liberdade para deslocar o assento de uma palavra?... E em outros muitos casos, para o sr. J. Ribeiro o mesmo se dá.

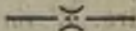
S. S. pecca sobretudo pela dubiedade do ponto de vista; quer induzir dos factos da lingua as leis, que a regulam; o seu prurido de revelar erudição, porém, levando-o a citações constantes, estabeleça uma desordem tal nas suas deducções, que o seu trabalho perde o character de originalidade como perde o de logico, de scientifico.

Em que pese ao abalisado collega dos Whitneys e dos Masons, ha uma cousa que o contraria em todos os seus tentamens scientificos e litterarios: S. S. lê, lê e lê, e depois escreve, escreve e escreve. Ora, a leitura sem meditação é como o alimento sem o processo digestivo. Em vez de ser assimilado pelo organismo, cambiando-se nas rubras ondas, que levantam cheiro de vida e força e corpo e transformam em esplendido trabalho a actividade, é, apenas, vomitado como

foi ingerido, n'uma massa desordenada que causa incommodo a quem a lança, e náuseas a quem a vê.

Talentoso, S. S. não tem applicação, mas possui de sobra orgulho; e o talento, quando não tem a direcção d'aquella e soffre o influxo d'este, é como todo o excesso da natureza, que não é moderado: em lugar de evoluir harmoniosamente n'um producto bem definido, explode nos contornos indefinidos de uma anomalia teratologica.

Em S. S., a imaginação predomina sobre a meditação; e, d'ahi, a necessidade de pedir a A. Comte que precise o seu estado mental. Aconselhamol-o, e egualmente que á mesma fonte peça os recursos para isentar-se de tal classificação e poder, com vantagem, entrar para as fileiras de qualquer dos partidos militantes do seu paiz, quer nas pugnas calmas da sciencia, quer nas muito mais agitadas da politica. »



X

*Illustrado Mestre.*

Vou concluir. O trabalho a que me tenho dado tem sido realmente penoso. Não é com facilidade que se derruba um colosso; e V. S. passava n'esta provincia ao menos como um verdadeiro *colosso*, tanto pela *vastidão* de seus conhecimentos litterarios, como pela sua *grande erudição* e pelo seu *seguro criterio* philosophico: já eram quasi uma tradição a universalidade e a profundezza de seu saber. E V. S. conhece perfeitamente a força que tem uma crença papular, quando lança raizes fundas no terreno da tradição.

Foi mesmo uma temeridade de minha parte tomar a mim uma empresa tão perigosa. Mas que fazer? Sou republicano extremado e V. S. me ferio directamente no meu maior melindre. E' verdade que V. S. foi o primeiro a declarar que só escrevia para sua alta recreação e para satisfazer sua actividade propria; o que porém, não é me-

nos verdade é que V. S. em suas divagações phantasiosas foi *ingratamente* severo e *ingratamente* injusto para com os seus coreligionarios de outros tempos. E V. S. ha de confessar que a *ingratidão* é sempre considerada como uma das mais revoltantes manifestações de nossa natureza moral.

Que V. S. criticasse os dous deputado<sup>s</sup> republicanos com sinceridade e com justiça, estava no seu direito e ninguem podia impedir-o de manifestar com liberdade o seu modo de pensar. Verdade é que o facto de ter sido V. S. muito bom republicano *em outros tempos*, ao ponto de declarar-se francamente disciplinado em um banquete politico que teve logar em Campinas, podia de certo modo inquirar de suspeita toda e qualquer apreciação que n'esse sentido fizesse V. S. ; ainda assim, porém, habil como é, podia V. S. encobrir o seu despeito e apparentar ao menos na fórma uma tal ao qual sinceridade.

Assim, porém, não aconteceu. De cada periodo, de cada phrase, de cada palavra mesmo, resalta o immenso despeito que o levou a escrever a sua segunda carta. Não foi um dever de civismo que o trouxe á imprensa : foi o desejo satanico da ingratidão que o inspirou n'aquella obra de malevolên-

cia e de aversão. Percebe-se, sente-se, quasi que se tóca mesmo o odio, a raiva, o rancor, que V. S. vota hoje aos seus antigos co-religionarios; e por maiores que sejam os seus esforços, para explicar a sua deserção por meio da *intransigencia*, vê-se que no fundo de tudo isso está o despeito e só o despeito.

Ninguém havia dito que os dous deputados republicanos eram homens scientificamente preparados para as grandes luctas politicas da actualidade; V. S., porém, affirmou que assim o dissera a imprensa republicana, sómente para ter o prazer de oppor a sua contradicta, e fazer a critica apaixonada dos meritos pessaes de ambos os deputados.

Não foi, porém, unicamente o despeito que o acompanhou n'esse trabalho; foi tambem a vaidade. Insuflado diariamente por um circulo de admiradores inconscientes, centro de uma pequena commandita de elogios mutuos, V. S. chegou a julgar-se um verdadeiro Padre Eterno de sabedoria e de sciencia, aqui n'esta provincia.

Despeitado e vaidoso, tomou V. S. a tarefa de arrancar dos hombros da verdade o manto de lantejoulas que lhe encobria a formosissima nudez e começou a sua obra de demolição, certo, certissimo de chegar a seu fim, que era reduzir os dous deputados re-

publicanos ás proporções de nullidades pretenciosas, tanto scientificamente, como classicamente. E foi tal o seu rigor que V. S. até os collocou abaixo de todos os outros membros do parlamento.

Foi por isso que eu tambem, para minha alta recreação e para satisfazer minha actividade propria, fui ao seu encontro, para mostrar ao publico que V. S. não passa de um ambicioso muito vulgar, de um grande vaidoso, sem criterio e sem orientação, que não possui nem sciencia e nem erudição e que entende tanto de philosophia como eu de grego.

Fui mais além e mostrei que os unicos dous titulos scientificos, que podiam attestar sua competencia, para fallar com tanta arrogancia dos homens e das cousas do seu paiz os—*Traços geraes de linguistica e a Grammatica Portugueza*—não passam de uma verdadeira manta de retalhos, cosida de pedaços roubados a diversos escriptores, que V. S. procurou impingir como seu trabalho original, unicamente por má fé e por falta de probidade litteraria.

Estou plenamente seguro de que todos quantos tem lido estas cartas despreziosas, que lhe tenho dirigido, estão hoje convencidissimos de que o que lhe falta em sciencia, erudição, saber, criterio e probi-



dade litteraria, lhe sobra em orgulho, vaidade, presumpção, ignorancia, pedantismo, arrogancia e má fé. Torneio-o conhecido dos meus comprovincianos, e agora o deixo em liberdade para dizer dos homens e das cousas aquillo que lhe approuver. Póde dar livre expansão á sua actividade propria, póde escrever para sua alta recreação : o publico já o conhece. Não será mais o linguista o eminente philologo, que fallará : será simplesmente o plagiario, o copista, o petulante, o despeitado, o pedante.

Termino, pois, a minha tarefa e peço-lhe desculpa se alguma vez o magoei com alguma expressão mais ou menos energica. Não me occupo de sua terceira carta porque o publico já reduziu-a a seu verdadeiro valor. Permitta-me agora um conselho : seja mais modesto, mais criterioso e estude mais.

Illustrado Mestre.

Já tinha eu dado por finta a minha  
 letizia, quando inesperadamente veio V. S.  
 attencar-me de novo do meu costumeado si-  
 lencio. Em verdade, e para admirar que as  
 minhas despretenciosas missivas lhe tenham  
 attrahido a attenção, ao ponto de conside-  
 rar-se V. S. espontaneamente as inevitaveis  
 obrigações de responder-me. Francamente  
 mas mesmo bem francamente, a tanto não  
 iam as minhas aspirações.

Em sua quinta Carta Sortherna (cons-  
 grada exclusivamente a um pobre anônimo  
 que talvez em não saber da sempre ignorada  
 em que vive) empregou V. S. todos os admi-  
 ravéis recursos de seu elevatissimo talento  
 de sua espartosa erudição, não tanto para  
 detender-se das serias accusações que lhe  
 dá, como principalmente para convencer a  
 publico de que eu não tenho critério scienti-  
 fico, não tenho largueza de vistas, não se-  
 xplicito-me, não tenho estylo, não tenho

*Illustrado Mestre.*

JÁ tinha eu dado por finda a minha tarefa, quando inesperadamente veio V. S. arrancar-me de novo do meu costumado silencio. Em verdade, é para admirar que as minhas despretenciosas missivas lhe tenham attrahido a attenção, ao ponto de considerar-se V. S. espontaneamente na inevitavel obrigação de responder-me. Francamente, mas mesmo bem francamente, a tanto não iam as minhas aspirações.

Em sua quinta *Carta Sertaneja* ( consagrada exclusivamente a um pobre anonymo, que teima em não sahir da sombra ignorada em que vive ) empregou V. S. todos os admiraveis recursos de seu alevantado talento e de sua espantosa erudição, não tanto para defender-se das sérias accusações que lhe fiz, como principalmente para convencer ao publico de que eu não tenho criterio scientifico, não tenho largueza de vistas, não sei exprimir-me, não tenho estylo, não tenho

correcção de phrase. não tenho qualidade alguma das que recommendam um escriptor.

Se bem o comprehendo, parece-me que V. S. me censura por não ter eu até hoje revelado, ao menos em minhas cartas, uma certa *ligeireza litteraria*, de que V. S. tanto tem uzado e abuzado, para poder apparecer, entre nós, como escriptor primoroso, estylista notavel, linguista profundo e grammatico innexcedivel. Se assim é, tem V. S. toda a razão.

Bons ou máos, tenho ao menos a certeza de que os pensamentos que manifesto em minha phrase incorrecta são meus e sómente meus : pouco me importa com o estylo, porque, como bem observa Bagehot, « os homens que tem pensamentos originaes e que a elles se apegam, não gostam de revesti-los de expressões que elles sentem não pertencer-lhes. Um homem não póde pensar de um modo sério e util, quando trata de escrever em um estylo emprestado. Entretanto, ha alguns que se submettem com constancia ao trabalho penoso, *mas sobretudo ingrato e estúpido*, de crear um estylo proprio.»

Como V. S. nada tem de original e tudo alcança pela sua admiravel *ligeireza*, é até muito razoavel que se dê a esse ingrato e estúpido trabalho de criar, ao menos, um

estyllo proprio, já que lhe falta a originalidade do pensamento. Não sei, por minha parte, apropriar-me do pensamento alheio com a *impudica desfaçatez* com que o faz V. S., e será talvez por isso principalmente que em sua respeitabilissima opinião eu não possua *uma só* das qualidades que recommendam um escriptor.

Prefiro, em minha *veneranda insipiencia* proceder sempre como Tobias Barreto: « Antes de satisfazer ao publico, bem antes de procurar merecer a sua consideração, eu trato de satisfazer a mim mesmo, de merecer o apoio da minha consciencia litteraria, tão veneranda e respeitavel, como a propria consciencia ethica, de quem é apenas uma forma nova, um resultado de adaptação social. E não sei como é possível sentir-se aquelle prazer, tão semelhante ao da practica da virtude, que resulta aliás do exercicio da penna, da practica do estudar, do saber em qualquer gráo, *se não se tem escrupulo de fazer proprio, e dar como tal o pensamento de outrem.* »

Mas... basta de preambulos e entremos em materia. Em minhas cartas anteriores accusei-o de ter *plagiado* vergonhosamente um aphorismo de Augusto Comte e procurei mostrar que, *por não o ter comprehendido*, cahiu V. S. em uma lamentavel contradic-

ção, desde que tentou descer para o terreno concreto dos detalhes. Mostrei o fim que teve em vista Augusto Comte, quando formulou aquelle aphorismo e ao mesmo tempo tornei bem saliente a supina ignorancia de V. S. em assumptos de philosophia.

Quanto ao *plagio*, praticou V. S. uma d'aquellas suas *ligeirezas* habituaes. Nem sequer o lembrou. Deixou-o inteiramente esquecido, evidentemente porque reconheceu, em consciencia, o vergonhoso delicto que commettêra. Apenas *confessou* que havia falseado o pensamento do grande philosopho e accrescentou : — *e que mal haverá se assim for?*— Realmente admiro a sua *impudica desfaçatez!*

Dizem os clinicos que ha uma molestia a que se dá o nome pittoresco de—*imbecilidade instinctiva*—; estará V. S. soffrendo de tão terrivel enfermidade? Pois será crível que o eminente autor dos—*Traços geraes de linguistica*—e da—*Grammatica Portugueza*—tenha chegado a um tão lastimavel estado?! *Imbecilidade instinctiva!* Eureka! Encontrei a chave do enigma. V. S. é um espirito enfermo, gravemente enfermo.

Não percebeu ou não quiz V. S. perceber o fim a que eu pretendia chegar, quando confrontei o aphorismo de Augusto Comte com a nomenclatura que apresentou V. S.

em sua segunda carta ; naturalmente assim o fez para não incorrer na grave censura que lhe fiz e não fornecer, por essa forma, uma prova irrecusavel da falta de ponderação em suas faculdades mentaes e da ausencia completa de criterio em suas doutrinas philosophicas.

Sabe perfeitamente V. S., como pondera claramente Littré, que a «consequencia é a primeira qualidade de um philosopho, e que, sem ella, philosophar é uma occupação muito mesquinha.» É evidente, portanto, que mostrando eu a sua triste *inconsequencia*, acceitando V. S., em theoria, um apherismo da philosophia positiva, para logo depois repudial-o inteiramente na pratica, mostrava ao mesmo tempo uma falha gravissima em seu espirito, como pensador e philosopho. E foi por isso que, propositalmente talvez, procurou illudir a questão capital.

Um individuo que acceita levanamente principios de philosophias diversas e que não procura disciplinar o seu pensamento, estabelecendo a unidade em sua vida mental ou é porque soffre de um vicio organico no funcionamento das viceras cerebraes, ou então é porque é de uma inepecia, de uma imbecilidade tão grande, que bem póde ser equiparado a um perfeito sandeu.

Respondendo ás censuras que fiz á sua nomenclatura scientifica, diz V. S. :—«*a minha nomenclatura não é minha, é de Lefèvre.*»

Bravo ! Bravissimo ! Confessou o plagio ! Taes foram os seus apuros, taes foram as difficuldades que encontrou para defender-se, que não teve remedio senão fazer confissão publica e solemne do indecoroso acto que practicára, apropriando-se sorrrateiramente do trabalho alheio ! Que vergonha ! Que miseria ! E é um philosopho, um pensador eminente, um litterato distincto, um homem cheio de erudição e de sciencia, um verdadeiro typo de *probidade*, que assim procede ! !

Mas, ainda não é tudo. Disse mais V. S. que o que ha de *seu* alli é so o accrescimo de anatomia, histologia e pathologia ; porque quiz fazer entrar no *quãdro* a sciencia das desordens do organismo e as que lhe são immediatamente correlativas.» Parece, pois, á vista de semelhante declaração, que V. S. o que fez foi *completar* a nomenclatura *sua* de Lefèvre, naturalmente por julgal-o um pouco *deficiente* n'este ponto, apesar de ser elle um dos mais profundos, dos mais lidos e dos mais respeitados materialistas francezes.

Entretanto, examinando-se o *quãdro* de Lefèvre vê-se que *lá se acham*, entre as



sciencias comprehendidas pela bio-physiologia, a anatomia, a histologia e a pathologia. No que ficamos, então? Aquillo será mesmo um acrescimo seu? Não será uma nova *ligeireza* de sua parte? Santo Deus! Que pouca vergonha! Que terrivel inclinação para o plagio! Que audacia de gatuno vil e sem pejo! Furta, é encontrado com o objecto furtado, é mesmo pilhado em flagrante e, no emtanto, ainda diz: — *é meu!*

Miseravel tartufo! Audacioso gatuno do pensamento!

Mas... vou adiante.

Diz V. S. que faz distincção entre sciencias abstractas e concretas. Respondo: mente. E a prova é V. S. mesmo quem m'a fornece Lefèvre collocou a anatomia, a histologia e a pathologia, na cathegoria das sciencias *abstractas*; V. S., porém, para completar a nomenclatura d'aquelle profundo e respeitado materialista, *acrescentou ás sciencias concretas*, por elle enumeradas, a anatomia, a histologia e a pathologia. Ora, quem colloca sciencias abstractas entre sciencias concretas, o que faz? Não saberá V. S. dizer-me o que isto é?

Quanto á classificacção de Lefèvre, ouça o que diz Julio de Mattos:

«Depois vêm as objecções, que têm por base, umas o lugar concedido á mathema-

tica, outras á exclusão das sciencias concretas na classificação positivista. Quanto ao primeiro ponto, o autor da *Philosophia* limita-se a negar que o primeiro lugar caiba á mathematica na classificação das sciencias, «porque ella não é de modo algum o ponto de partida, mas o auxiliar de todas.»

«A objecção *não tem valor*. É precisamente porque a mathematica é o auxiliar indispensavel de todas as sciencias, que lhe compete de direito o primeiro lugar. Se todas as sciencias dispensassem o seu concurso, ao passo que ella, como a Sociologia, reclamasse o auxilio de todas, então o ultimo lugar lhe caberia. É precisamente n'esta subordinação iniludivel que está a força e o merito da classificação de Comte ; não louvamos Lefèvre por tel-o esquecido.

« Quanto ao segundo ponto, Lefèvre crê que «a concepção de Comte não é pratica», que ella «põe o geral antes do particular, o abstracto antes do concreto, a lei antes do facto.» E porque toda esta accusação que, *a ser verdadeira*, invalidaria o positivismo perante todos os espiritos sinceramente devotados á sciencia e ao methodo experimental? Porque Augusto Comte *exclue* da classificação hierarchica as *sciencias concretas*...

« Mas o motivo d'esta exclusão não é certamente porque as sciencias descriptas te-

nam merecido pouca attenção ao genio de Comte, ou porque elle, como *gratuitamente* avança Lefèvre, *anteponha o geral ao particular, o abstracto ao concreto, a lei ao facto.* Não; o motivo é *outro*—e facil de descobrir a quem quer que leia attentamente o *Curso de Philosophia Positiva.* O motivo é porque ellas foram as ultimas a constituir-se, é porque os seus progressos se subordinam inteiramente aos das sciencias abstractas.

«As sciencias descriptivas nasceram primeiro. Mas o descobrimento de *leis*, a proclamação dos *principios geraes*, a observancia do *methodo inductivo*, tudo isto *pertence ás sciencias abstractas*; as sciencias *concretas* limitam-se ao processo d'applicação, não criam, *não descobrem*, aproveitam sómente para a nitidez dos seus quadros especiaes a luz que lhes provem das especulações abstractas. É o que se descobre comparando a Zoologia e a Botanica á Biologia, a Mineralogia á Chimica, a Politica á Physica social.

«De resto, a classificação com que Lefèvre procura substituir a de Comte e que não transcrevemos por extremamente extensa, *não só não possui nenhuma das superiores vantagens d'esta, senão que encerra ERROS verdadeiramente estranhos.* É assim que, esquecendo inteiramente que todas as palavras têm um sentido consagrado, que é for-

çoso respeitar, sob pena de cabir n'uma deploravel anarchia de linguagem, o autor da *Philosophia* archiva entre as *sciencias*—a *industria*, a *litteratura* e a *arte* !

«Não é por processos d'esta natureza—facilmente o acreditarão positivistas e não positivistas—que a genealogia scientifica de Augusto Comte será destruida !...»

Eis ahi a classificação que V. S. julga *superior* a de Comte ! V. S. que faz questão de palavras, entretanto, não trepida em collocar a *industria*, a *litteratura* e a *arte* como verdadeiras *sciencias* ! Só repetindo lhe suas proprias palavras : —« Muito longe vai o pedantismo ! A muito se abalança o indouto que quer campar de sabio, o mediocre que se contorce para firmar reputação. Mas, francamente, isto é desafôro : V. S. com certeza pensa que está em terra de Beocios, que os leitores do *Diario Mercantil* são sandeus.»

Se houvesse mais um pouco de ponderação em suas faculdades mentaes, se V. S. digerisse um pouco melhor aquillo que lê, se não fosse, como é, um simples devorador de livros, com certeza não cahiria na *asneira* de investir tão imbecilmente contra a classificação scientifica de Augusto Comte, o mais imperecível monumento do positivismo, contra o qual nullificaram-se com-

pletamenee até os titanicos esforços de Herbert Spencer, incontestavelmente a mais poderosa e a mais energica organização cerebral de nossos dias.

Porventura julga V. S. que é bastante ter-se dez annos de estudo de latim, consumidos na leitura indigesta das obras de Terencio, Tito Livio e Virgilio, a folhear constantemente o Magnum Lexicon e a queimar as pestanas todas as noites, para se tornar um sabio, um philosopho, e destruir com um golpe de penna um trabalho como o de Comte, que representa os esforços accumulados de um sem numero de gerações passadas, uma verdadeira herança do genio da humanidade, em sua marcha progressiva atravez da historia ? !...

Francamente, mas mesmo bem francamente, V.S. «não passa de um charlatão de marca maior, de um verdadeiro imbecil, que o que quer é arrotar conhecimentos, dispondo apenas de uma leitura indigestissima de alguns classicos latinos e sem a minima ponderação em suas faculdades mentaes. Não tem criterio scientifico, não tem largueza de vistas», não tem equilibrio mental, não tem penetração intellectual : é um ce-

rebros anemico, pobre, enfesado, que, além de tudo, se acha desequilibrado.

Fallando da educação classica, que V. S. tanto preconisa como um elixir maravilhoso para a cura das enfermidades do espirito, disse eu em minha terceira carta o seguinte: — « Não é ella ainda que se transforma em uma fonte de perigos para o espirito e para o senso moral da nação, educando a mocidade de um paiz inteiro, como diz Michel Bréal, na preocupação exclusiva da fórma!»

A isto respondeu V. S.: — « Nunca se escreveu maior calumnia, nunca se estampou tamanho dislate!» Pois bem, a calumnia e o dislate são do proprio Michel Bréal, que, em sua obra intitulada — *Quelques mots sur L'Instruction publique en France* — á paginas 245 diz o seguinte: — « *mais quand la jeunesse de tout un pays est élevée dans la préoccupation exclusive de la forme, il y a danger pour l'esprit et pour le sens moral de la nation*»

Decididamente V. S. pensa que ninguem lê na provincia de S. Paulo. Trucou de falso, como é seu costume, e mais uma vez fez juz ao epitheto de imbecil calumniador.

Permitta-me agora que ao terminar parodie as suas proprias palavras :

N'esta longa carta fica provada a supina e vergonhosa ignorancia do Sr. Julio Ribeiro, o seu requintado pedantismo, a sua impudica desfaçatez ; fica tambem indicada a má fé que o caracteriza. Não escrevi para fazer alarde de sabenças ; escrevi para chamar á ordem um pretencioso insolentissimo, cuja philaucia só em sua veneranda insipiencia acha parelha. Em materias de philosophia diga agora o Sr. Julio Ribeiro o que quizer : está provado que eu não devo perder tempo em responder-lhe. Suspendo-lhe a razão : «em paz e ás moscas.»



Decididamente V. S. pensa que digamos  
é da provincia de S. Paulo. Truco de tal  
como é seu costume e mais uma vez ler  
o epitheto de imbecil calunioso

Instituto de...

Este es el primer tomo de las obras de don Juan de Mariana, de la orden de San Jeronimo, de la casa de San Esteban de Salamanca, de la qual es de la facultad de teologia, y de la de moral, y de la de historia eclesiastica, y de la de politica, y de la de economia, y de la de medicina, y de la de jurisprudencia, y de la de filosofia natural, y de la de filosofia moral, y de la de filosofia politica, y de la de filosofia economica, y de la de filosofia medica, y de la de filosofia juridica, y de la de filosofia natural, y de la de filosofia moral, y de la de filosofia politica, y de la de filosofia economica, y de la de filosofia medica, y de la de filosofia juridica.

Este es el primer tomo de las obras de don Juan de Mariana, de la orden de San Jeronimo, de la casa de San Esteban de Salamanca, de la qual es de la facultad de teologia, y de la de moral, y de la de historia eclesiastica, y de la de politica, y de la de economia, y de la de medicina, y de la de jurisprudencia, y de la de filosofia natural, y de la de filosofia moral, y de la de filosofia politica, y de la de filosofia economica, y de la de filosofia medica, y de la de filosofia juridica.



*Illustrado Mestre.*

LAMENTO com sinceridade a sua sorte. Director de um collegio e tendo, consequentemente, sob sua responsabilidade a educação de alguns rapazes, cujos pais talvez nem ao menos suspeitavam da sua manifesta inaptidão, para o exercicio de tão espinhosa incumbencia, deve V. S. sentir-se hoje bastante acabrunhado, diante das tristes revelações que ao publico tenho feito, a respeito da lastimavel falta de ponderação de suas faculdades mentaes, do seu nenhum criterio scientifico e philosophico, e de sua caracteristica improbidade litteraria.

Com effeito. Parece evidente, evidentissimo, que quem não sabe se orientar a si proprio, não está igualmente habilitado para dirigir espiritos alheios. Se V. S. é um exemplo vivo das perniciosas consequencias de uma educação desordenada e se não possui criterio sufficiente, nem sequer para systematisar convenientemente os seus co-

nhecimentos, que confiança poderá inspirar aos pais de seus alumnos, que na boa fé talvez entregaram-lhe o preparo moral e intellectual de seus filhos ?! Porventura poderão elles permanecer tranquillos, quanto aos resultados de semelhante educação ? Porventura não terão elles receio (e com muita razão) de que os vicios da educação do professor se transmittam todos, aggravados ainda mais, para os discipulos ?

A educação da mocidade, sabe-o perfeitamente V. S., é uma função social importantissima, que não póde ser confiada a qualquer. Se uma má direcção póde, no desenvolvimento das forças organicas, criar verdadeiras deformidades corporeas, que inutilisam para sempre um individuo, tanto maiores são os estragos que ella póde causar quando se trata de aproveitamento completo das aptidões intellectuaes de uma criança. Ha uma hygiene para o espirito, assim como ha uma hygiene para o corpo. Ha uma disciplina para o pensamento, assim como ha uma gymnastica para os musculos.

Já vê V. S. que, sob este ponto de vista, eu não posso de maneira alguma deixar de lastimar profundamente a sua sorte. Eu admitto que um individuo, sem a minima instrução e levado talvez por um impulso instinctivo, irresistivel, seja capaz de prati-

car um acto reprovavel e até mesmo fortemente condemnado pela opinião publica ; admitto mais que elle possa repetir a practica de tal acto, emquanto permanecer na mesma convicção ; mas continual-o teimosamente, mesmo depois de ter sido advertido e de ter reconhecido a illegitimidade de sua conducta, já não me parece sómente uma affronta ás observações alheias—me parece perversidade.

Chegando-se a uma roda de panegyristas inconscientes, insuflado constantemente pelos seus exaggerados louvores, conseguiu V. S. cercar-se de uma certa nomeada, como linguista e como philologo, e não trepidou um unico momento em tirar de semelhante nomeada todas as vantagens que d'ella lhe podiam advir. Abriu um estabelecimento de educação e esperou que a sua fama lhe fizesse o resto.

Esquecido, no meio das thuriferações de seus falsos amigos, de que alguém mais tarde poúa chamal-o a contas, diante do publico mesmo que o havia endeusado, como um portento de sabedoria e de sciencia, afim de obrigar-o a dar provas evidentes d'essa mesma sabedoria, e d'essa mesma sciencia, não sómente deixou-se V. S. embriagar pelos elogios de encommenda, affogando-se, para assim dizer, nas ondas trai-

coeiras da lisonja, como ainda despedaçou raivosamente as vestes singelas da modestia, para cobrir-se com o manto funesto do orgulho e da vaidade.

V. S. poderá ser quando muito um bom professor de latim, francez e portuguez ; mas d'ahi para ser director de um collegio vai uma grande distancia. O seu preparo intellectual e moral é insufficiente, absolutamente insufficiente, para tão importante funcção. Conheci-o em Campinas, como professor no Collegio Internacional, onde V. S. leccionava latim, francez, portuguez e philosophia. Nada tenho a dizer dos seus merecimentos, como professor das tres primeiras materias ; em relação á ultima, porém, sempre o julguei sem preparo e sem competencia.

O seu compendio era o velho, o caruncho-so Barbe, theologo mais que mediocre e pensador sem merecimento. Era por elle, entretanto, que V. S. fazia suas prelecções, ungidas de um *ardente* espirito religioso e sem o minimo alcance scientifico. Via-se que V. S. sentia-se mal collocado n'aquella cadeira, que o seu cerebro não tinha elasticidade sufficiente para jogar com os grandes processos de generalisação philosophica, que V. S. desconhecia mesmo tanto como os seus discipulos a materia sobre que prelec-

cionava e que só não se escusava a dar as lições, para cumprir o contracto que fizera.

Os seus embaraços eram enormes. V. S. parecia ensinar philosophia como os padres ensinam a doutrina christã ; não raciocinava, porque não podia, porque não tinha aptidão para tanto ; não explicava, porque não sabia a materia, porque ignorava completamente o assumpto, porque era absolutamente incompetente. V. S. ensinava philosophia por perguntas e respostas, fazendo os seus discipulos decorarem, porque era esse tambem o seu systema. Em uma palavra : a sua ignorancia em assumptos de philosophia era tão profunda, que, se V. S. tentasse escrever tudo quanto não sabia a respeito, talvez não o conseguisse em ménos de trinta grossos volumes.

Mais tarde vi-o ainda *regendo* a cadeira de philosophia, no Collegio Culto á Sciencia, em Campinas. V. S. era o mesmo. Não ; digo mal. Era outro, completamente outro, não em philosophia, mas nos habitos, nos costumes. A sua ignorancia e a sua inaptidão em nada se haviam modificado ; apenas lhe tinha apparecido um outro recurso.

Para encobrir a sua falta de preparo scientifico e amenisar um pouco a série de banalidades com que V. S. procurava encher a hora da lição, explorava com grande vanta-

tagem e com rara habilidade mesmo as tendências sensualistas de seus discipulos, espraçando-se em descripções libidinosas, de scenas immoraes e peripecias escandalosas, em linguagem apimentada de bordel, só propria de uma natureza já estragada, de uma victima do deboche e da crapula.

E ousa V. S. fallar com desdem de Augusto Comte e de Herbert Spencer ! V. S. que nunca chegou a comprehender Barbe, que nunca foi capaz de um raciocinio sério e correcto, que nunca soube dous dedos de philosophia, querer burlar de Comte e de Spencer ! Nunca se viu tamanha toleima ! Nunca se vio tanta sandice ! Um philosopho que diz que—*a verdade nunca envelhece*— que só escreve asneiras quando procura ser original, zombar de dous espiritos, que são justamente os maiores prodigios de nosso seculo !

Decididamente que V. S. não conhece o seu lugar.

A *inconsequencia* é o seu caracteristico. Em philosophia, em religião e em politica, V. S. é de uma tal versatilidade, de uma tal incoherencia, que é impossivel, absolutamente impossivel, dizer-se hoje o que será amanhã.

Vamos por partes.

Em philosophia começou V. S. por ser

theologo, passou depois a materialistá, voltou de novo para a theologia, ensaiou um pouco de positivismo e finalmente declarou-se outra vez *materialista e atheu*.

Em religião, foi primeiro catholico, apostolico, romano, depois presbyteriano e hoje diz-se atheu.

Em politica, foi monarchista, declarou-se depois republicano e hoje é de novo monarchista.

Ora, não estão indicando todas estas marchas e contra-marchas de seu espirito que o seu cerebro não funciona regularmente? Não se percebe que ha em suas faculdades mentaes um desarranjo ou um desequilibrio qualquer? Não está mesmo patente que o seu espirito offerece aos profissionaes um caso pathologico interessante? Pois será crível que um cerebro são faça em tão curto prazo tantas voltas e reviravoltas, como a V. S. tem acontecido?!

Deixo, porém, o estudo de sua individualidade, que para muito longe poderia me arrastar, e entro na analyse de sua sexta *Carta Sertaneja*.

Tentando defender-se das accusações que lhe fiz, disse V.S., quanto ao plagio: — «quando eu disse que era minha *a exposição*, TIVE EM MENTE, segundo o sentido proprio, restricto, das palavras empregadas

declarar ter sido *eu quem reunia em portatil livrinho*, para apresentar ao leitor brasileiro, ensinamentos, doutrinas, de varios mestres estrangeiros esparsos em diversas obras.»

Ora muito bem. Até que afinal appareceu um innovador da lingua portugueza! É bom que fiquem sabendo d'aqui em diante todos que escrevem ou fallam a lingua de Camões que *expor* significa muito positivamente, segundo o sentido proprio, restricto, da palavra—*reunir alguma cousa ou diversas cousas exparsas, para apresental-as a alguem.*

Isto é que é reformar! Ainda ha pouco pensava eu, na minha insipiencia profunda, que *expor* significava—*explicar, desenvolver, explanar, interpretar*—Qual historia! Quem assim pensa é um descarado, que não trepida em attribuir aos dictionarios da lingua vernacula cousas que elles não dizem. *Expor* é aquillo que disse o meu illustrado mestre, e fóra d'alli não ha que torcer.

Acabou-se o plagio, está morto, definitivamente morto; e quem o matou foi o sr. Julio Ribeiro. Qualquer agora póde *reunir* diversos trechos de Augusto Comte, Spencer, Littré e outros; *encadernal-os* em um volume, pôr o nome de *autor* na frente e dizer ao publico: — «Aqui está um livro»



que é meu. As doutrinas, os ensinamentos, *nao me pertencem*; trasladei-os *litteralmente* dos mestres. *Nada escrevi* de tudo quanto aqui se contém; *não ha uma só phraze* que me pertença; mas *verdade é que é minha a exposição.*»

Eahi temos uma grande descoberta para os ambiciosos de gloria. Não ha mais plagio! *Sauve qui peut!* é o grito dos litteratos. Aquelle que fôr mais esperto, mais *ligeiro*, esse é que publica mais livros, esse é que adquire mais fama, esse é que alcança os louros da victoria. Que pensem, que meditem, que consummam a vida inteira no estudo, os tolos, os estravagantes. A questão está simplesmente em *reunir* em portatil livrinho o que elles escreverem, o fructo de suas meditações e de seus estudos. Tanto basta para se publicar uma obra e dizer-se: — *é minha a exposição.*

Aceto a reforma e fico agora sabendo o que é que V. S. *tinha em mente*, quando disse que *a exposição* era sua. É verdade que me custa um pouco a comprehender como é que se põe uma doutrina *á mostra, á vista*. Parecia-me que só se podia *pôr á vista* qualquer objecto material ou qualquer facto, que cahisse immediatamente debaixo da acção dos nossos orgãos visuaes; mas uma *theoria, uma doutrina...* Não me consta até

hoje que alguém tenha *enxergado uma doutrina*, muito embora no maior auge da exaltação mystica.

Entretanto, V. S. que assim o diz é porque assim o deve ser. Um notavel, um profundo philologo, um philologo de Capivary, decididamente que não póde se enganar em assumptos d'esta ordem.

Dizem os dictionarios da lingua vernacula que plagiario é *«o autor, que rouba e se apropria, os pensamentos ou expressões alheias, expondo-se por isso ao açoute da opinião publica ; o que usa de pensamentos, ou expressões alheias COMO SUAS E SEM AS REFERIR AO SEU AUTOR»* Diz tambem V. S. em sua grammatica, que *aspas* são signaes com que se indicam que se referem palavras alheias, e que se collocam sempre no principio e no fim do trecho ou da phrase citada. Lembro-me ainda de que o proprio Catulle Mendés, defendendo-se de accusação identica, disse que elle não era plagiario, porque *plagiar* significa *usar, apropriarse da maneira de dizer de outrem*, e isso elle não fizera.

A' vista de tudo isso, como V. S. INTERCALOU, nos seus—*Traços geraes de linguistica*—no meio de algumas phrasas suas, trechos enormes, paginas inteiras de outros escriptores, sem precedel-os de *aspas*, sem fa-

zer a minima referencia aos seus autores, e, conseguintemente, confundindo *intencionalmente* com o pouco que lhe pertencia, não hesitei em malsinal-o de plagiario, uma vez que não sabia e nem mesmo podia adivinhar aquillo que V. S. *tivera em mente*, quando declarou no prologo do livrinho que era sua a exposição.

Diz mais V. S. que a lista dos autores que vem no mesmo prologo «nao é a de todos os autores, cujas palavras trasladou; é a dos autores *a consultar* por quem quizer conseguir um conhecimento cabal da materia.»

Esta é mesmo de mestre! V. S. cita os autores que devem ser consultados, mas *não cita* os outros de quem justamente se apropriou, de quem se serviu, aos quaes pessoalmente consultou! Isto é, não quer que os seus leitores *consultem os mesmos livros*, aos quaes V. S. recorreu. E porque este receio? Está claro, clarissimo: — para não ser descoberto. Se assim não fosse, que razão havia para V. S. *encobrir muito propositalmente* os nomes de Pichard, Hovelaeque e Ferrière? Eis ahi um enigma que eu não posso decifrar e que não sei se tambem V. S. o tinha *em mente*, quando escreveu o seu livrinho.

Isto quanto aos — *Traços geraes de linguística*.

Quanto a grammatica, tendo eu provado igualmente que até as definições e os exemplos tinham sido copiados servilmente de outros autores, sem que V. S. os citasse ou a elles se referisse no prologo, respondeu-me V. S. que isso não fez *por uma razão muito simples : porque sua grammatica não tem prologo.*

É realmente uma *razão muito simples!* É como se eu tivesse apanhado o individuo que me houvesse roubado o relógio e lhe perguntasse porque havia assim procedido ; respondia-me elle : *por uma razão muito simples : eu precisava de um relógio.*

Permitta-me, pois, que ainda uma vez eu conclua com as suas proprias palavras :

Esmaguei-o com provas : abandono-o. Deixo-o para nunca mais tomal-o ao sério. Não tem honestidade para que se lhe faça esse favor Em meu nome, em nome da verdade, em nome da dignidade publica sirvalhe ainda uma vez de sentença a phrase de Garret : — *Em paz, e ás moscas !*

